

STEPHEN KING

CARRIE

Tradução de
MARIA FILOMENA DUARTE



Notícia publicada no semanário *Enterprise* de Westover (Maine), em 19 de agosto de 1966:

CHUVA DE PEDRAS

Segundo o relato fidedigno de várias pessoas, uma chuva de pedras caiu de um céu límpido e azul em Carlin Street, na cidade de Chamberlain, no dia 17 de agosto. As pedras atingiram principalmente a casa da senhora Margaret White, provocaram grandes estragos no telhado e destruíram dois algerozes e uma goteira avaliados em cerca de 25 dólares. A senhora White é viúva e vive com a filha de três anos, Carietta.

Não foi possível contactar a senhora White para obter os seus comentários sobre o sucedido.

Ninguém ficou propriamente admirado quando isto aconteceu, de maneira nenhuma, nem sequer ao nível do subconsciente que é onde germina a selvajaria. Aparentemente, todas as raparigas no balneário ficaram chocadas, arrepiadas, envergonhadas ou apenas satisfeitas por a cabra White ter pago pela língua mais uma vez. Talvez algumas se tivessem manifestado surpreendidas, mas as suas palavras não correspondiam à verdade, evidentemente. Carrie andava com várias na

escola desde a primeira classe, e desde essa época que a coisa se avolumava, de forma lenta e imutável, de acordo com todas as leis que regem a natureza humana, com toda a firmeza de uma reação em cadeia que se aproxima da massa crítica.

O que nenhuma delas sabia, claro está, é que Carrie White era telecinética.

Na Escola Primária de Barker Street, em Chamberlain, apareceu escrevinhado no tampo de uma carteira:

Carrie White come trampa.

O vestiário estava repleto de gritos, ecos e do som subterrâneo da água dos chuveiros que se precipitava nos mosaicos. As raparigas tinham estado a jogar voleibol no Primeiro Tempo, e o seu suor matinal era reduzido e impaciente.

As raparigas espreguiçavam-se e contorciam-se debaixo da água quente, guinchavam, borrifavam-se umas às outras e passavam sabonetes brancos de mão em mão. Carrie estava no meio delas, imperturbável, uma rã entre cisnes. Era uma rapariga atarracada, com borbulhas no pescoço, nas costas e nas nádegas, e o seu cabelo molhado era totalmente desprovido de cor. Ficava colado à face, ensopado e sem graça, e ela mantinha-se de pé, com a cabeça ligeiramente inclinada, deixando que a água lhe atingisse a pele e escorresse. Parecia a cabra sacrificial, o alvo constante de chacota, que acreditava em puxões canhestros, a imagem da eterna frustração, e era mesmo. Acalentava a esperança vã e permanente de que o Liceu de Ewen tivesse cabinas de duche individuais, privadas, como

havia nos liceus de Westover ou Lewiston. Elas observavam. *Observavam* sempre.

As torneiras do duche foram-se fechando uma a uma, as raparigas saíram, retiraram as toucas de banho de cores pastel, enxugaram-se com as toalhas, borrifaram-se com desodorizante e olharam para o relógio pendurado por cima da porta. Apertaram os sutiãs, vestiram as cuecas. O ambiente estava repleto de vapor; aquele sítio bem podia ser um balneário egípcio se não fosse o ruído constante do remoinho do *jacuzzi* que havia ao canto. Os gritos e assobios faziam ricochete, com a mesma vivacidade das bolas de bilhar a embater umas nas outras após um intervalo difícil.

— ... então o Tommy disse que *detestava* ver-me com aquilo e eu...

— ... vou com a minha irmã e o marido dela. Ele tira macacos do nariz mas ela faz o mesmo, portanto são muito...

— ... duche depois das aulas e...

— ... demasiado barato para gastar um cêntimo e então eu e a Cindi...

A senhora Desjardin, a professora de ginástica magra e lisa de peito, entrou, virou rapidamente o pescoço para todos os lados e bateu as palmas uma vez, diligente:

— De que estás à espera, Carrie? Do Dia do Juízo Final? A campainha toca daqui a cinco minutos.

Os calções da professora eram de uma brancura ofuscante e as pernas, não sendo demasiado torneadas, ostentavam uma musculatura comedida. Trazia ao pescoço um apito de prata que ganhara no concurso de tiro ao arco da faculdade.

As raparigas riram-se à socapa e Carrie levantou a cabeça, com um olhar lento e atordoado pelo calor e pelo barulho constante da água a cair.

— Ohum?

Foi um som estranho, como o coaxar de uma rã, apropriado mas grotesco, e as raparigas riram-se outra vez. Sue Snell tirara uma toalha do cabelo com a rapidez de um prestidigitador envolvido numa proeza espantosa e começou a pentear-se à pressa. Dirigindo-se a Carrie, a senhora Desjardin fez um gesto irritante, simulando que dava à manivela, e saiu.

Carrie fechou a torneira do chuveiro, que se calou com uma gota e um gorgolejo.

Só quando ela saiu do compartimento de duche é que todas viram o sangue a escorrer-lhe pela perna.

De *The Shadow Exploded: Documented Facts and Specific Conclusions Derived from the Case of Carietta White*¹, de David R. Congress (Tulane University Press, 1981), p. 34:

Difícilmente se pode negar que o facto de não terem sido identificadas mais cedo manifestações específicas de telecinesia na menina White ficou a dever-se à conclusão de White e Stearns expressa no seu artigo *Telekinesis: A Wild Talent Revisited*² — que a capacidade de deslocar objetos com a intervenção da vontade só se manifesta em momentos de stress pessoal extremo. O dom está bem escondido, de facto; se assim não fosse, como poderia ter permanecido submerso, como um icebergue só com a ponta de fora, num mar de charlatanismo?

Dispomos somente de relatos dispersos de terceiros para fundamentar este caso, mas mesmo assim isso

¹ A Sombra Explodiu: Factos Documentados e Conclusões Específicas Decorrentes do Caso de Carietta White. (*N. da T.*)

² Telecinesia: Um Dom Extraordinário Revisitado. (*N. da T.*)

basta para concluir que existia em Carrie White um potencial telecinético de enorme magnitude. A grande tragédia é que agora chegámos tarde...

— Período!

O apupo veio em primeiro lugar de Chris Hargensen. Attingiu as paredes revestidas de mosaico, fez eco e ouviu-se outra vez. Sue Snell sufocou o riso e sentiu um misto estranho de ódio, repulsa, exasperação e pena. Ela tinha um ar tão *estúpido*, ali especada, sem perceber o que se estava a passar. Céus, dir-se-ia que nunca...

— PERÍodo!

Aquilo estava a transformar-se numa cantilena, numa invocação. Alguém lá atrás (talvez a Hargensen outra vez, Sue não conseguiu perceber no meio de todos aqueles ecos) gritava, «*Enfia-o!*», com um abandono roufenho e desinibido.

— PERÍodo, PERÍodo, PERÍodo!

Com um ar apatetado e as gotas de água a escorrerem-lhe pelo corpo, Carrie deixou-se ficar no meio de um círculo que começou a formar-se. Parecia um boi pachorrento, consciente de que troçavam dela (como sempre), ostentando um embaraço desprovido de admiração.

Sue sentiu a repulsa a aumentar dentro de si quando as primeiras gotas escuras de sangue menstrual do tamanho de moedas de 10 cêntimos caíram no chão de mosaico.

— Pelo amor de Deus, Carrie, estás com o período! — gritou ela. — Limpa-te!

— Ohum?

Carrie olhou à sua volta com um ar bovino. Os cabelos colados à face pareciam um capacete. Tinha uma mancha de acne

num dos ombros. Aos dezasseis anos, o selo impalpável da mágoa estava já claramente estampado no seu olhar.

— Ela julga que eles servem para pintar os lábios! — gritou Ruth Gogan de súbito com uma alegria misteriosa e depois soltou uma gargalhada.

Mais tarde, Sue lembrou-se deste comentário e atribuiu-lhe um sentido mais genérico, mas agora era apenas mais um som sem significado no meio da confusão. *Aos dezasseis anos? Ela deve saber o que está a acontecer, ela...*

Mais gotículas de sangue. Carrie continuou a olhar à sua volta, a pestanejar, fitando as colegas de turma com uma perplexidade vagarosa.

Helen Shyres virou-se para trás e fingiu que vomitava.

— Estás a *sangrar!* — berrou Sue de repente, furiosa. — Estás a *sangrar*, minha grande estúpida!

Carrie olhou para a parte inferior do seu corpo.

E soltou um grito.

O som ouviu-se bem no ambiente húmido do vestiário.

De súbito, um tampão atingiu-a no peito e caiu-lhe aos pés com um ruído que lembrava uma rolha a saltar de uma garrafa. O algodão absorvente desabrochou como uma flor vermelha.

Depois, as gargalhadas de repulsa, de desprezo e de horror subiram de tom e deram lugar a um ruído irregular e desagradável, e as raparigas bombardearam-na com tampões e pensos higiénicos, uns tirados das bolsas, outros do recipiente partido pendurado na parede. Os tampões caíam como flocos de neve e a cantilena mudou:

— Enfia-o, enfia-o, enfia-o, enfia-o...

Sue também os atirava e embarcava com as outras, sem saber ao certo o que fazia — viera-lhe à cabeça uma frase mágica, que brilhava como se fosse um anúncio de néon: *Isso não*

tem mal nenbum, mal nenbum, mal nenbum... A frase continuava a faiscar e a brilhar, em jeito de confirmação, quando Carrie começou de repente a uivar e a afastar-se, agitando os braços, roncando e gorgolejando.

As raparigas calaram-se, ao perceber que tinham finalmente aberto fissuras e provocado a explosão. Foi neste momento, quando olharam para trás no tempo, que algumas se mostraram surpreendidas. No entanto, tinham decorrido todos aqueles anos, todos aqueles anos... Vamos dobrar os lençóis da cama da Carrie no Acampamento da Juventude Cristã, encontrei esta carta de amor da Carrie para o Flash Bobby Pickett, vamos copiá-la e passá-la umas às outras, esconder-lhe as cuecas em qualquer lado, pôr-lhe esta cobra no sapato e rebaixá-la *outra vez*, rebaixá-la *outra vez*. Carrie a avançar obstinadamente em passeios de bicicleta, num ano alcunhada de pudim e no seguinte de cara de parva, sempre a cheirar a suor, sem conseguir acompanhar as outras; a roçar a pele em hera venenosa por urinar no meio dos arbustos e toda a gente a descobrir (ouve lá, estás a coçar o rabo, tens sarna?); Billy Preston a besuntar-lhe o cabelo com manteiga de amendoim daquela vez em que ela adormeceu na sala de estudo; os beliscões, as pernas esticadas nos corredores para ela tropeçar, os livros que lhe caíam da carteira, o postal ilustrado obsceno que lhe enfiaram na mala; Carrie no piquenique da igreja e a ajoelhar-se desajeitadamente para rezar e a costura da velha saia indiana a rasgar-se ao longo do fecho, produzindo um som idêntico ao de um enorme quebra-vento; Carrie sempre a falhar a bola, mesmo nos matraquilhos, a cair de frente em Dança Moderna no primeiro ano e a lascar um dente, a chocar com a rede no voleibol; com meias de vidro que tinham sistematicamente malhas ou buracos, sempre com manchas de transpiração nas blusas, debaixo dos braços; e até aquela vez em que Chris Hargensen lhe telefonou, depois das

aulas, da Kelly Fruit Company, no centro da cidade, e lhe perguntou se sabia que cocó de porco se escrevia C-A-R-R-I-E. De repente, tudo isto atingiu a massa crítica. O desprezo, a repulsa, a rejeição total, procurados durante tanto tempo, foram encontrados. A fissura.

Ela recuou, a gritar, no meio daquele novo silêncio, com os braços gordos diante da cara e um tampão preso nos pelos púbicos.

As raparigas observaram-na, solenes, com um brilho nos olhos.

Carrie recuou até à parede lateral de um dos grandes compartimentos de duche, deixou-se escorregar devagarinho e ficou sentada no chão. Soltou gemidos lentos, de desamparo. Os seus olhos reviraram-se nas órbitas com uma brancura húmida, como os olhos de um porco no matadouro.

Sue atalhou devagar, hesitante:

— Acho que deve ser esta a primeira vez que ela...

Foi então que a porta se abriu com um ruído seco e apressado e a senhora Desjardin entrou para ver o que se passava.

Excerto de *The Shadow Exploded* (p. 41):

Os médicos e os psicólogos que escreveram sobre o assunto concordam que o início excepcionalmente tardio e traumático do ciclo menstrual de Carrie White pode ter feito despoletar o seu dom latente.

Parece inacreditável que, em 1979, Carrie ainda não soubesse nada acerca do ciclo mensal das mulheres. É igualmente inacreditável pensar que a mãe da rapariga deixou que a filha chegasse quase aos dezassete anos sem consultar um ginecologista por ainda não menstruar.

Todavia, os factos são incontornáveis. Quando Carrie verificou que sangrava da vagina, não fazia ideia nenhuma do que estava a acontecer. Ignorava por completo o que era a menstruação.

Uma das suas colegas ainda vivas, Ruth Gogan, conta que, ao entrar no vestiário feminino do Liceu de Ewen no ano anterior aos acontecimentos que agora relatamos, viu Carrie a servir-se de um tampão para retirar o excesso de batom. Nessa altura, a menina Gogan perguntou: «O que diabo estás a fazer?» A menina White respondeu: «Não é assim que isto se faz?» Então, a menina Gogan respondeu: «Claro. Claro que é.» Ruth Gogan contou este episódio a várias amigas (mais tarde, disse a este entrevistador que considerou a situação «relativamente engraçada»), e se depois alguém tentou esclarecer Carrie sobre a verdadeira utilidade do que usava para se maquilhar, ela aparentemente ignorou a explicação por julgar que faziam troça dela. Esta era uma faceta da sua vida em relação à qual se tornara extraordinariamente cautelosa...

Quando as raparigas foram para as aulas do segundo tempo e a campainha se calou (várias tinham-se esgueirado pela porta das traseiras sem fazer barulho antes que a senhora Desjardin começasse a tomar nota dos nomes), a senhora Desjardin aplicou a tática habitual nos casos de histeria: deu uma valente bofetada a Carrie. Dificilmente ela teria admitido o prazer que este ato lhe deu e decerto negaria que considerava Carrie um monte de banha lamurienta. Tratando-se do seu primeiro ano de docência, a senhora Desjardin ainda acreditava que todas as crianças eram boas.

Carrie levantou a cabeça e fitou-a com um ar estúpido e o rosto ainda contorcido.

— S-S-Senhora D-D-Des-D...

— Levanta-te — disse a senhora Desjardin, com indiferença. — Levanta-te e arranja-te.

— *Estou a esvair-me em sangue!* — gritou Carrie, e uma mão cega e ansiosa levantou-se e agarrou-se aos calções brancos da senhora Desjardin, onde deixou uma marca ensanguentada.

— Eu... Tu... — A professora de ginástica fez um esgar de repulsa e de repente obrigou Carrie a levantar-se. — *Vai para ali!*

Carrie ficou a cambalear entre os chuveiros e a parede onde se encontrava o recipiente de pensos higiénicos, inclinada, com os seios a apontar para o chão e os braços a balouçar, inertes. Parecia um símio. Tinha os olhos brilhantes e sem expressão.

— Agora — disse a senhora Desjardin com uma ênfase sibilante e mortífera — tiras um desses pensos higiénicos... não, não te importes com a moeda, para todos os efeitos o recipiente está partido... tiras um e... raios, põe-no! Comportas-te como se nunca te tivesse vindo o período.

— O período? — perguntou Carrie.

A sua expressão de total incredulidade era demasiado genuína, revelava um tal horror apático e desesperado que não podia ser ignorada ou negada. Na mente de Rita Desjardin, formou-se um pressentimento terrível e sinistro. Era incrível, não podia ser. Ela própria começara a menstruar pouco depois de completar onze anos, aproximara-se do cimo das escadas e gritara, excitada: «Ó mãe, já me vieram as regras!»

— Carrie? — disse a senhora Desjardin, avançando para a rapariga. — Carrie?

Carrie encolheu-se. No mesmo instante, uma prateleira ao canto, cheia de tacos de *softball*, caiu ao chão com um estrondo

que fez eco. Os tacos espalharam-se por todo o lado e obrigaram a senhora Desjardin a dar um salto.

— Carrie, esta é a primeira vez que te vem o período?

Mas, depois de admitir tal hipótese em pensamento, quase nem foi necessário perguntar. O sangue era escuro e corria com uma força terrível. Carrie tinha as pernas todas manchadas e salpicadas, como se tivesse acabado de atravessar um rio sangrento.

— Dói — gemeu Carrie. — A minha barriga...

— Isso passa — disse a senhora Desjardin. A compaixão e a vergonha formaram uma mistura desconfortável na sua mente. — Tens de... Hum, estancar o fluxo de sangue. Tu...

Fez-se um clarão por cima dela, ao qual se seguiu um estalido que lembrou o disparo de uma máquina fotográfica, e a lâmpada chiou e apagou-se. A senhora Desjardin soltou um grito de surpresa, e pensou

(todo este maldito sítio está a desmoronar-se)

que este género de coisas parecia acontecer sempre na presença de Carrie quando ela estava alterada, como se o azar a perseguisse. O pensamento esfumou-se quase tão depressa como surgira. Ela tirou um penso higiénico do recipiente partido e abriu o invólucro.

— Olha. É assim... — explicou.

De *The Shadow Exploded* (p. 54):

Margaret White, a mãe de Carrie White, deu à luz a filha no dia 21 de setembro de 1963, em circunstâncias que só podem ser consideradas bizarras. Aliás, em qualquer estudante atento que conheça o caso de Carrie White, há um sentimento que se sobrepõe a todos os

outros: Carrie foi a única descendente de uma família mais estranha do que todas as outras que chegaram ao conhecimento do público em geral.

Como já referimos, Ralph White morreu em fevereiro de 1963, quando uma viga de aço caiu de uma grua durante a construção de uma casa em Portland. A senhora White continuou a viver, sozinha, na sua vivenda suburbana de Chamberlain.

Devido às convicções religiosas fundamentalistas a raiar o fanatismo dos White, a senhora White não tinha amigas que a visitassem durante o seu período de luto. E quando entrou em trabalho de parto, passados sete meses, estava sozinha.

Aproximadamente à uma e meia da tarde de 21 de setembro, os vizinhos de Carlin Street começaram a ouvir gritos que vinham da casa dos White. No entanto, a polícia só foi chamada ao local depois das seis horas. Ficamos perante duas alternativas desagradáveis para explicar este lapso de tempo: ou os vizinhos da senhora White não se queriam envolver numa investigação policial, ou não gostavam dela ao ponto de terem adotado uma atitude de esperar-para-ver. A senhora Georgia McLaughlin, a única das outras três moradoras que se encontravam na rua nessa altura e que falou comigo, afirmou que não chamou a polícia porque pensou que os gritos tinham alguma coisa a ver com «beatices».

Quando a polícia chegou às seis e vinte e dois da tarde, os gritos eram irregulares. Encontrou a senhora White na cama, lá em cima, e a princípio Thomas G. Mearton, o responsável pela investigação, julgou que ela tinha sido atacada. A cama estava ensopada em sangue e havia uma faca de cozinha no chão. Só então é que

reparou no bebê, ainda parcialmente envolvido na placenta e que a senhora White amamentava. Aparentemente, tinha cortado o cordão umbilical com a faca.

É um desafio tanto à imaginação como à credulidade admitir a hipótese de que a senhora White não sabia que estava grávida, ou nem sequer percebia o que tal palavra pressupõe, e estudiosos recentes como J. W. Bankson e George Fielding consideram mais razoável que o conceito, irrevogavelmente associado na mente dela ao «pecado» das relações sexuais, tenha sido completamente banido. É possível que ela se tenha apenas recusado a acreditar que tal coisa lhe pudesse acontecer.

Temos conhecimento de pelo menos três cartas escritas a uma amiga de Kenosha, Wisconsin, as quais provam sem dúvida que a senhora White, a partir do quinto mês de gravidez, se convenceu que tinha «um cancro nas partes femininas» e que em breve iria juntar-se ao marido no céu...

Quando a senhora Desjardin levou Carrie para o gabinete passado um quarto de hora, felizmente não havia ninguém nos corredores. Decorriam as aulas nas salas fechadas.

Finalmente, Carrie deixara de gritar mas continuara a chorar com uma regularidade constante. Por fim, fora a própria senhora Desjardin a pôr-lhe o penso higiênico, a limpá-la com toalhetes de papel molhados e a vestir-lhe as cuecas de algodão liso.

Tentou duas vezes explicar-lhe a realidade vulgar da menstruação, mas Carrie tapou os ouvidos com as mãos e continuou a chorar.

O senhor Morton, o vice-reitor, interrompeu de imediato o que estava a fazer assim que elas entraram. Billy deLois

e Henry Trennant, dois rapazes que aguardavam o sermão que lhes era devido por terem faltado a Francês I, viraram-se para trás nas cadeiras.

— Entrem — disse o senhor Morton num tom ríspido. — Entrem. — Olhou por cima do ombro da senhora Desjardin para os rapazes, que observavam a marca da mão ensanguentada nos calções da professora. — Para onde estão *vocês* a olhar?

— É sangue — respondeu Henry, e sorriu com uma espécie de surpresa inexpressiva.

— Dois tempos de detenção — disse Morton, de chofre. Olhou para a marca ensanguentada e pestanejou.

Fechou-lhes a porta na cara e começou a tatear na gaveta de cima do seu arquivador, à procura de um formulário de acidentes na escola.

— Sentes-te bem, ó...

— Carrie — atalhou a senhora Desjardin, prestável. — Carrie White. — O senhor Morton tinha finalmente encontrado o formulário pretendido, no qual se via uma grande mancha de café. — Não vai precisar disso, senhor Morton.

— Acho que era o trampolim. Nós só... Não vou?

— Não. Mas acho que a Carrie devia ser autorizada a ir para casa até ao fim do dia. Passou por uma experiência bastante assustadora.

Ele entreviu nos olhos dela um sinal que não conseguiu interpretar.

— Sim, está bem, se é a senhora que o diz. Está bem. Concordo. — Morton empurrou de novo o formulário para dentro do arquivador, fechou a gaveta com o polegar e resmungou qualquer coisa. Deu meia-volta com elegância, abriu a porta, deitou um olhar fulminante a Billy e Henry e exclamou:

— Senhora Fish, arranja-me uma autorização de saída, por favor? Carrie Wright.

— White — corrigiu a senhora Desjardin.

— White — repetiu Morton.

Billy deLois riu-se à socapa.

— Uma semana de detenção — berrou Morton. Estava a formar-se uma bolha de sangue por baixo da unha do seu polegar. Doía como tudo. O choro constante e monótono de Carrie prosseguiu.

A senhora Fish trouxe a autorização de saída, um documento amarelo no qual Morton escreveu à pressa as suas iniciais com a sua caneta de bolso em prata, encolhendo-se devido à pressão que fez no dedo magoado.

— Precisas que te levem a casa, Cassie? — perguntou ele.
— Podemos chamar um táxi, se for necessário.

Ela abanou a cabeça. Ele reparou, com desgosto, que se tinha formado uma grande bolha de ranho esverdeado numa narina da rapariga. Olhou para a senhora Desjardin por cima da cabeça dela.

— Tenho a certeza que não haverá problema — disse a professora. — A Carrie mora em Carlin Street. O ar puro vai fazer-lhe bem.

Morton entregou à rapariga o documento amarelo.

— Agora podes sair, Cassie — disse ele, magnânimo.

— *O meu nome não é esse!* — gritou ela de repente.

Morton encolheu-se e a senhora Desjardin deu um salto, como se alguém lhe tivesse batido por trás. O pesado cinzeiro de louça que estava em cima da secretária de Morton (era o *Pen-sador* de Rodin, com a cabeça voltada para o recetáculo das pontas de cigarro) caiu de repente na carpete, como que para se proteger da intensidade do grito. As pontas de cigarro e os restos de tabaco do cachimbo de Morton espalharam-se na carpete de *nylon* verde-claro.

— Ouve lá — disse Morton, tentando mostrar-se severo.

— Sei que estás maldisposta, mas isso não quer dizer que eu ature...

— Por favor — disse a senhora Desjardin em voz baixa.

Morton piscou-lhe o olho e em seguida baixou a cabeça com um gesto brusco. Tentou projetar a imagem de um John Wayne adorável que ao mesmo tempo cumprisse as funções disciplinares inerentes ao seu cargo de vice-reitor, mas não se saiu muito bem. A administração (em geral representada nos jantares Jay Cee, nas reuniões da Associação de Pais e Professores e nas cerimónias da entrega de galardões da Legião Americana pelo reitor Henry Grayle) costumava chamar-lhe «adorável Mort». O corpo discente preferia referir-se a ele como «aquele tagarela idiota do gabinete». Mas, dado que poucos alunos como Billy deLois e Henry Trennant usavam da palavra em reuniões com a Associação de Pais e Professores ou com as autoridades municipais, o ponto de vista da administração tendia a prevalecer.

Nesse momento, o adorável Morton, que continuava a massajar secretamente o polegar magoado, sorriu a Carrie e disse:

— Vai-te lá embora se queres, menina Wright. Ou preferes sentar-te um bocadinho e recompor-te?

— Vou-me embora — gaguejou ela e bateu com força no cabelo. Levantou-se e olhou à sua volta, à procura da senhora Desjardin. Tinha os olhos muito abertos e uma expressão sorniosa. — Elas riram-se de mim. Atiraram-me coisas. *Sempre se riram.*

Desjardin só conseguiu lançar-lhe um olhar impotente.

Carrie saiu.

Por instantes, reinou o silêncio; Morton e a senhora Desjardin viram-na afastar-se. Depois, com um pigarrear desajeitado, o senhor Morton inclinou-se com todo o cuidado e começou a juntar os cacos do cinzeiro caído.

— O que provocou tudo *isto*?

A professora suspirou e olhou com desgosto para a mancha acastanhada que começava a secar nos seus calções.

— Apareceu-lhe o período. Pela primeira vez. No duche.

Morton pigarreou de novo e corou. A folha de papel que lhe servia de vassoura mexeu-se ainda mais depressa.

— Isso não é um pouco, hum...?

— Tardio para a primeira vez? É. Por isso é que a situação foi tão traumática para ela. Embora eu não consiga perceber por que razão é que a mãe... — O pensamento esfumou-se, momentaneamente esquecido. — Não creio que eu tenha agido muito bem, Morton, mas não percebi o que estava a acontecer. Ela julgou que estava a esvair-se em sangue.

Morton deitou-lhe um olhar acutilante.

— Não acredito que ela soubesse o que era a menstruação até há meia hora.

— Passe-me essa escovinha que está aí, senhora Desjardin. Sim, essa mesmo.

Ela entregou-lhe uma pequena escova em cujo cabo se lia *A Chamberlain Hardware and Lumber Company NUNCA o deita fora*. Morton começou a varrer o monte de cinza para a folha de papel.

— Ainda vai ser necessário aspirar isto, creio. Este monte de cinza é enorme. Eu julgava que tinha posto o cinzeiro mais ao meio da secretária. É estranho como as coisas caem. — Bateu com a cabeça na secretária e sentou-se abruptamente. — Custa-me a acreditar que uma rapariga deste ou de outro liceu possa estar cá há três anos e ignorar ainda o que é a menstruação, senhora Desjardin.

— E para mim isso é ainda mais difícil — retorquiu ela. — Mas só posso explicar desta maneira a reação dela. E a Carrie foi sempre um bode expiatório das colegas.

— Hum. — Morton deitou a cinza e as pontas de cigarro para o cesto dos papéis e sacudiu as mãos. — Já a situei, supponho. White. A filha da Margaret White. Deve ser. Assim torna-se um pouco mais fácil acreditar. — O vice-reitor sentou-se à secretária e sorriu em jeito de desculpa. — Eles são tantos. Passados cinco anos, mais coisa menos coisa, começamos a confundi-los todos. Tratamos um rapaz pelo nome do irmão, esse género de coisas. É difícil.

— Claro que é.

— Espere até andar nisto há vinte anos, como eu — disse ele, com um ar taciturno, olhando para a bolha de sangue que tinha no dedo. — Recebemos miúdos que nos parecem conhecidos e descobrimos que fomos professores do pai deles quando começámos a ensinar. A Margaret White é anterior à minha vinda, o que agradeço profundamente. Disse à senhora Bicente, que Deus tenha a sua alma em descanso, que o Senhor lhe reservava um lugar especial no inferno por ela ter transmitido em linhas gerais aos miúdos o que o senhor Darwin pensava da evolução. Foi suspensa duas vezes enquanto cá andou, uma delas por ter agredido uma colega de turma com a pasta. Consta que a Margaret viu a colega a fumar um cigarro. Convicções religiosas peculiares. Muito peculiares. — A expressão à John Wayne do vice-reitor dissipou-se de repente. — As outras raparigas. Riram-se mesmo dela?

— Pior. Gritavam e atiravam-lhe pensos higiénicos quando eu entrei. Atiravam-nos como... como se fossem amendoins.

— Oh! Oh, céus! — John Wayne desapareceu. O senhor Morton ficou escarlate. — Tem nomes?

— Tenho. Não de todas, embora umas possam incitado as outras. Pareceu-me que a Christine Hargensen é que comandava as operações... como é habitual.

— Chris e o seus Mortimer Snerds³ — acrescentou Morton em voz baixa.

— Pois. Tina Blake, Rachel Spies, Helen Shyres, Donna Thibodeau e a irmã, Mary Lila Grace, Jessica Upshaw. E Sue Snell. — A senhora Desjardin franziu o sobrolho. — Não esperava uma partida daquelas da Sue. Não parecia capaz desde género de... espetáculo.

— Falou com as raparigas implicadas?

A senhora Desjardin soltou uma risada tristonha.

— Pu-las todas dali para fora. Fiquei muito agitada. E a Carrie estava com um ataque de histeria.

— Hum. — Morton esticou os dedos — Tenciona falar com elas?

— Sim — respondeu ela, mas com relutância.

— Deteto uma certa...

— Talvez — atalhou ela, abatida. — Vivo numa casa de vidro, percebe? Compreendo o que aquelas raparigas sentiram. Tudo isto só me deu vontade de agarrar na rapariga e *abaná-la*. Talvez haja uma espécie de instinto ligado à menstruação que desperta nas mulheres o desejo de rabujar, não sei. Não me esqueço do ar da Sue Snell.

— Hum — repetiu o senhor Morton, assisado. Não compreendia as mulheres nem lhe apetecia nada conversar sobre a menstruação.

— Amanhã falarei com elas — prometeu a senhora Desjardin, levantando-se. — Darei uma no cravo e outra na ferradura.

— Ótimo. Faça com que o castigo seja proporcional ao crime. E se sentir que tem de mandar algumas falar com, ah, comigo, esteja à vontade...

³ Mortimer Snerd era o nome do boneco do popular ventríloquo norte-americano Edgar Bergen. (*N. da T.*)

— É o que farei — disse ela amavelmente. — A propósito, fundiu-se uma lâmpada quando eu estava a conversar com ela. Para acabar tudo em beleza.

— Vou mandar imediatamente um funcionário para tratar disso — prometeu ele. — E obrigado por fazer o seu melhor, senhora Desjardin. Não se importa de mandar entrar o Billy e o Henry?

— Com certeza.

A senhora Desjardin saiu.

Morton recostou-se na cadeira e deixou que todo aquele assunto lhe saísse do pensamento. Quando Billy deLois e Henry Trennant, autênticos profissionais do absentismo, entraram, ele lançou-lhes um olhar fulminante e, satisfeito, preparou-se para lhes falar com severidade.

Como ele dizia muitas vezes a Hank Grayle, comia alunos absentistas ao pequeno-almoço.

Palavras escrevinhadas no tampo de uma carteira do Liceu de Chamberlain:

As rosas são vermelhas, as violetas são azuis, o açúcar é doce, mas Carrie White come trampa.

Carrie desceu Ewen Avenue e atravessou para Carlin Street no semáforo da esquina. Seguia cabisbaixa e fazia um esforço para não pensar em nada. As dores iam e vinham como ondas gigantescas, obrigando-a a abrandar o passo e a acelerar como um automóvel com problemas no carburador. Olhou fixamente para o passeio. O quartzo resplandecia no meio do cimento. Grelhas de amarelinha desenhadas com giz fantasmagórico que a chuva quase fizera desaparecer. Bolinhas espalmadas de

pastilha elástica. Pedacos de papel de alumínio e de invólucros de rebuçados baratos. *Todas elas odeiam e nunca param. Nunca se cansam.* Uma moeda alojada numa fenda. Carrie deu-lhe um pontapé. *Imaginem a Chris Hargensen toda cheia de sangue e a pedir misericórdia. Com ratazanas a passearem-lhe na cara. Ótimo. Ótimo. Seria ótimo.* Dejetos de cão que alguém pisara. Um rolo de caricas enegrecidas em que um miúdo qualquer espalmara com uma pedra. Pontas de cigarro. *Esmagar-lhe a cabeça com uma pedra, com um pedregulho. Esmagar a cabeça de todas elas. Ótimo. Ótimo.*

(bom jesus salvador)

Isso era bom para a mamã. Não era ela que tinha de viver no meio dos lobos todos os dias, todos os anos, de se ver no meio de um carnaval de raparigas que se riam, que contavam anedotas, que a apontavam a dedo, que troçavam dela. E não dizia a mamã que haveria um Dia do Juízo

(o nome daquela estrela será caruncho e elas serão atormentadas por escorpiões)

e um anjo com uma espada?

Se esse dia fosse hoje e Jesus viesse não com um cordeiro e um cajado de pastor, mas com um pedregulho em cada mão para esmagar as que se riam, as que troçavam, para arrancar o mal e destruí-lo aos gritos — um Jesus terrível de sangue e justiça.

E se ao menos ela pudesse ser a Sua espada e o Seu braço.

Tinha tentado integrar-se. Tinha desafiado a mamã de múltiplas maneiras, tinha tentado apagar o círculo vermelho e maldito que haviam traçado à sua volta desde o primeiro dia em que saíra do ambiente controlado da casinha em Carlin Street e se dirigira para a Escola Primária de Barker Street com a Bíblia debaixo do braço. Ainda se lembrava desse dia, dos olhares, e do silêncio repentino e incómodo quando ela se ajoelhara antes do almoço na cantina da escola — as gargalhadas tinham começado nesse dia e feito eco ao longo dos anos.

O círculo vermelho e maldito era como o próprio sangue — podia-se esfregar, esfregar, esfregar, mas continuava ali, não se apagava, não se limpava. Ela nunca mais se ajoelhou em público, embora não tivesse contado nada à mamã. Mesmo assim, a recordação original subsistia, nela e *nelas*. Lutara com a mamã com unhas e dentes por causa do Acampamento da Juventude Cristã e ganhara o dinheiro de que precisava aceitando trabalhos de costura. A mamã disse-lhe, com um ar soturno, que isso era Pecado, que era coisa de Metodistas, Batistas e Congregacionalistas e que era Pecado e Reincidência. Proibiu Carrie de nadar no acampamento. No entanto, apesar de ela ter nadado e rido quando a obrigaram a mergulhar (até já não conseguir respirar e elas continuarem a fazer o mesmo e ela entrar em pânico e começar a gritar) e tentado participar nas atividades do acampamento, haviam pregado mil e uma partidas à beata da Carrie e ela voltara para casa de autocarro uma semana mais cedo, com os olhos vermelhos e inchados de chorar. A mamã fora buscá-la à estação e dissera-lhe, com um ar sinistro, que ela devia guardar a recordação do seu sofrimento como prova de que a mamã é que sabia, de que a mamã é que tinha razão, de que a única esperança de segurança e de salvação residia no interior do círculo vermelho. «Porque estreita é a porta», disse a mamã já no táxi, e ao chegar a casa mandara Carrie para o armário durante seis horas.

A mamã proibira-a, evidentemente, de tomar duche com as outras raparigas; Carrie escondera os seus apetrechos de duche no cacifo da escola e tomara banho à mesma, participando num ritual de nudez que era vergonhoso e embaraçoso para ela, na esperança de que o círculo à sua volta se desvanecesse um pouco, só um bocadinho...

(mas hoje, oh, hoje)

Tommy Erbter, de cinco anos, vinha de bicicleta do outro lado da rua. Era um miúdo pequeno, de olhar intenso, montado numa *Schwinn* de cinquenta centímetros com rodas de apoio vermelho-vivo. Cantarolava em surdina «Scoobie Doo, onde estás tu?». Avistou Carrie, entusiasmou-se e deitou-lhe a língua de fora.

— Olá, cara de peido! A beata da Carrie!

Carrie deitou-lhe um olhar furibundo, acometida de uma raiva súbita e fumegante. A bicicleta oscilou nas rodas de apoio e tombou de repente. Carrie sorriu e continuou a andar. O som do choro de Tommy era suave, música para os ouvidos dela.

Se ao menos conseguisse fazer com que acontecesse uma coisa assim sempre que lhe apetecesse...

(tinha acabado de conseguir)

Parou sete casas antes da sua, de olhar em alvo. Atrás dela, Tommy, lavado em lágrimas, montava de novo na bicicleta e afagava um joelho esfolado. Gritou-lhe qualquer coisa que ela ignorou. Já estava habituada a gritos muito piores.

Tinha estado a pensar:

(*cai dessa bicicleta miúdo que te empurrem dessa bicicleta e que partas a tua cabeça inútil*) e acontecera *mesmo* alguma coisa.

A mente dela tinha... tinha... Carrie procurou em vão uma palavra. Tinha *cedido*. Não era exatamente isso, mas estava muito perto. Tinha-se registado uma estranha curvatura mental, quase como um cotovelo que se dobra sob o peso de um haltere. Um cotovelo sem força. Um músculo fraco, de bebé.

Ceder.

De repente, olhou com um ar feroz para a janela enorme da senhora Yorraty. Pensou:

(*cabra velha estúpida e desmazelada que se parta aquela janela*)

Nada. A janela da senhora Yorraty brilhava serenamente à luz clara das nove horas da manhã. Carrie sentiu outra guinada na barriga e continuou a andar.

Mas...

A lâmpada. E o cinzeiro; não se esqueçam do cinzeiro.

Olhou para trás

(*a cabra da velha odeia a minha mamã*)

por cima do ombro. Pareceu-lhe outra vez que alguma coisa cedera... mas muito pouquinho. O fluxo dos seus pensamentos estremeceu como se um súbito borbulhar tivesse irrompido de uma nascente mais profunda.

Pareceu-lhe que a janela ondulava. Mais nada. Podia ter sido dos seus olhos. *Podia* ter sido.

Começou a sentir a cabeça cansada e vazia, a latejar, a anunciar a chegada de uma dor. Ardiam-lhe os olhos, como se tivesse acabado de se sentar a ler o Apocalipse.

Continuou a andar na direção da casinha branca com as portadas azuis. O sentimento familiar de ódio-amor-medo consumia-a por dentro. A hera trepara pelo lado virado a poente da vivenda (chamavam-lhe sempre vivenda porque «casa White»⁴ parecia uma piada política e a mamã afirmava que todos os políticos eram criminosos e pecadores e acabariam por entregar o país aos Vermelhos Ateus que encostariam à parede todos os que acreditavam em Jesus, mesmo os católicos), e a hera era pitoresca, e ela *sabia* que era, mas às vezes detestava-a. Às vezes, como agora, a hera parecia a mão de um gigante grotesco raiada de veias enormes (que tinha brotado do solo para agarrar o prédio. Carrie aproximou-se dele a arrastar os pés.

Houvera o episódio das pedras, evidentemente.

Carrie parou outra vez, evitando a luz do dia com enfado. As pedras. A mamã nunca falava disso. Carrie nem sequer sabia se a mamã se lembrava do dia das pedras. Era surpreendente que ela própria ainda se recordasse. Era muito pequena nessa altura.

⁴ *White house* (casa branca) no original. (N. da T.)

Que idade tinha? Três? Quatro anos? Havia aquela menina de fato de banho branco, e depois vieram as pedras. E os objetos tinham voado dentro de casa. Neste caso, a recordação tornou-se, de súbito, clara e nítida. Como se sempre tivesse estado ali, quase à superfície, a aguardar uma espécie de puberdade mental.

Aguardando, talvez, o dia de hoje.

De *Carrie: The Black Dawn of T.K.*⁵ (revista *Esquire*, 12 de setembro de 1980), de Jack Gaver.

Estelle Horan viveu em San Diego, o aprumado subúrbio de Parrish, durante doze anos e é a típica Miss Califórnia: usa blusas estampadas de cores vivas e óculos escuros cor de âmbar; o cabelo é louco com madeixas pretas; conduz um belo *Volkswagen Formula Vee* castanho com uma decalcomania de um *smile* no tampão do depósito de combustível e um autocolante ecologista que é uma bandeira verde no vidro traseiro. O marido é um executivo da filial do Bank of America em Parrish; o filho e a filha são membros encartados da Southern Califórnia Sun 'n Fun Crowd, gente de praia com a pele bronzeada e lustrosa. Há um *hibachi*⁶ no pequeno quintal das traseiras, impecavelmente tratado, e a campainha da porta reproduz um trecho sonante do refrão de *Hey, Jude*.

Mas a senhora Horan ainda traz algures dentro de si o solo ralo e agreste da Nova Inglaterra, e quando fala de Carrie White faz um esgar estranho que mais parece

⁵ *Carrie: O Despertar Obscuro da Telecinesia.* (N. da T.)

⁶ Pequena churrasqueira portátil. (N. da T.)

o Lovecraft de Arkham do que o Kerouac do Sul da Califórnia.

«É claro que ela era estranha», diz-me Estelle Horan, acendendo um segundo *Virginia Slim* pouco depois de ter apagado o primeiro. «Toda a família era estranha. O Ralph trabalhava nas obras e as pessoas da rua diziam que ele levava uma Bíblia e um revólver de calibre .38 todos os dias quando ia para o emprego. A Bíblia era para ler à hora do café e do almoço. O revólver era para a eventualidade de se cruzar com o Anticristo quando estava a trabalhar. Eu própria me recordo da Bíblia. O revólver... quem sabe? Era um homenzarrão com a pele cor de azeitona e o cabelo sempre rapado dos lados e aparado a direito em cima, à militar. Tinha sempre ar de mau. E ninguém conseguia olhá-lo nos olhos, nunca. Eram tão intensos que pareciam brilhar. Quando o avistávamos, atravessávamos a rua e nunca deitávamos a língua de fora nas costas dele, nunca. Imagine como *ele* era mal-encarado.»

Ela cala-se, expelindo nuvens de fumo de cigarro na direção das vigas de falso pau-rosa que cruzam o teto.

Stella Horan viveu em Carlin Street até aos vinte anos e frequentou as aulas diurnas no Lewin Business College em Motton. Mas recorda-se muito bem do incidente das pedras.

«Há momentos em que pergunto a mim própria se terei sido a causadora daquilo», diz ela. «O quintal delas ficava ao lado do nosso, e a senhora White tinha plantado uma sebe que ainda não crescera. Telefonara dezenas de vezes à minha mãe por causa do “espetáculo” que eu dava no meu quintal. Bem, o meu fato de banho era perfeitamente decente, pudico para os padrões atuais,

apenas um velho *Jantzen* de cor lisa. A senhora White costumava vociferar por causa do escândalo que a peça representava para a “sua bebé”. A minha mãe... bem, esforça-se por ser delicada, mas irrita-se *tão* depressa. Não sei o que disse a Margaret White para que ela acabasse por perder as estribeiras — chamou-me Prostituta da Babilónia, acho eu — mas a minha mãe respondeu-lhe que o nosso quintal era o nosso quintal e que eu iria lá para fora dar ao rabo completamente nua se isso lhe desse prazer e a mim. Também lhe disse que ela era uma velha imunda, com uma cabeça que parecia uma lata de vermes. Houve muito mais gritaria, mas isto foi o essencial.»

«Eu quis interromper imediatamente os banhos de sol. Detesto problemas. Fazem-me dores de barriga. Mas a mãe... quando mete uma coisa na cabeça, é terrível. Foi ao Jordan Mash e chegou a casa com um biquíni branco muito reduzido. Disse-me que eu podia apanhar todo o sol que me apetecesse. “Afinal, o que está em causa é a privacidade do nosso quintal, mais nada”, disse ela.»

Stella Horan esboça um sorriso ao recordar o episódio e apaga o cigarro.

«Tentei discutir com ela, dizer-lhe que não queria mais problemas, que não queria ser um joguete na guerra entre as duas. Não serviu de nada. Tentar impedir a minha mãe quando ela mete uma coisa na cabeça é o mesmo que tentar evitar que um camião *Mack* sem travões resvale por uma encosta. Aliás, a coisa não ficou por aqui. Eu tinha medo dos White. Os verdadeiros maníacos da religião não são para brincadeiras. É claro que o Ralph tinha morrido, mas e se a Margaret ainda conservasse aquele revólver?»

«Mas lá estava eu no sábado à tarde, estendida num cobertor, no quintal, toda besuntada com bronzeador e a ouvir o Top Forty no rádio. A mãe detestava aquilo e em geral gritava lá para fora pelo menos duas vezes para eu o desligar antes que ela enlouquecesse. Mas nesse dia, foi ela própria que aumentou o volume duas vezes. Comecei a sentir-me na pele da Prostituta da Babilónia.

«Mas ninguém saiu de casa dos White. Nem sequer a velha para estender a roupa. Há mais uma coisa... Ela nunca estendia peças de roupa interior na corda. Nem sequer as da Carrie, que nessa altura tinha apenas três anos. Estendia-as sempre dentro de casa.»

«Comecei a descontraír-me. Acho que comecei a pensar que a Margaret tinha levado a Carrie ao parque para adorar a Deus ao ar livre ou qualquer coisa do género. De qualquer modo, pouco depois, deitei-me de costas, protegi os olhos com o braço e adormeci.»

«Quando acordei, a Carrie estava de pé ao meu lado e olhava para o meu corpo.»

Ela cala-se, franzindo o sobrolho e olhando para o ar. Lá fora, o ruído dos automóveis a passar é interminável. Ouço o lamentozinho firme que o meu gravador faz. Mas tudo parece demasiado estaladiço, demasiado brilhante, apenas uma pátina barata sobre um mundo mais soturno — um mundo real em que os pesadelos acontecem.

«Ela era uma menina tão *linda*», afirma Stella Horan, retomando a conversa e acendendo outro cigarro. «Vi umas fotografias do tempo em que ela andava no liceu e aquela fotografia horrível e fantasmagórica na capa da *Newsweek*. Olho para elas e só consigo pensar, meu Deus, para onde foi ela? O que lhe fez aquela mulher? Depois, sinto um

misto de náusea e de pena. Ela era tão linda, com a face rosada e uns olhos castanhos brilhantes, e o cabelo era daquele tom de louro que sabemos que irá escurecer mais tarde e ficar cor de rato. Meiga é a única palavra que se aplica. Meiga, viva e inocente. A doença da mãe ainda não a afetara muito, nessa época.»

«Acordei sobressaltada e tentei sorrir. Era difícil pensar no que fazer. Eu estava mole por causa do sol e sentia a minha mente pegajosa e lenta. Disse: “Olá!” Ela trazia um vestidinho amarelo, giro mas demasiado comprido para uma menina usar no verão. Dava-lhe pelos tornozelos.»

«Ela não retribuiu o sorriso. Limitou-se a apontar e perguntou: “O que é isso?”»

«Olhei para baixo e vi que o meu sutiã tinha escorregado enquanto eu dormia. Apertei-o e respondi: “São os meus seios, Carrie.”»

«Então ela disse... muito solene: “Gostava de ter uns iguais.”»

«Eu disse: “Tens de esperar, Carrie... Só terás uns iguais daqui a uns... oh, oito ou nove anos.”»

«“Não, não terei”, disse ela. “A mamã diz que as meninas boas não têm”. Ela tinha um comportamento estranho para uma criança tão pequena, meio triste, meio puritano.»

«Eu nem queria acreditar e disse a primeira coisa que me veio à cabeça. Disse: “Bem, eu sou uma menina boa. E a tua mãe não tem seios?”»

«Ela baixou a cabeça e respondeu qualquer coisa, tão em surdina que eu não consegui ouvir. Quando lhe pedi que repetisse, fitou-me com um ar de desafio e disse que a mãe fora má quando a fizera e era por isso que

os tinha. Chamou-lhes “almofadassujas”, como se fosse tudo uma só palavra.»

«Eu não pude acreditar. Fiquei estupefacta. Não consegui lembrar-me de nada para dizer. Ficámos a olhar uma para a outra e só me apeteceu agarrar naquela menina triste e fugir com ela.»

«E foi então que a Margaret White saiu pela porta das traseiras e nos viu.»

«Por instantes, ficou de olhos esbugalhados como se não acreditasse no que via. Depois, abriu a boca e gritou. Foi o som mais desagradável que ouvi na vida. Parecia o som que um crocodilo enorme faria num pântano. Limitou-se a *gritar*. De raiva. Uma raiva total, insana. Ficou vermelha como um pimentão, cerrou os punhos e gritou, virada para o céu. Toda ela tremia. Julguei que estava a sofrer um ataque cardíaco. Tinha a cara toda deformada, como a de uma gárgula.»

«Julguei que Carrie ia desmaiar... ou morrer ali mesmo. Encheu o peito de ar e aquele rostozinho ficou da cor de um requeijão.»

«A mãe dela gritou: “CAAAARRRIEEEEEE!”»

«Eu levantei-me de repente e berrei: “Não grite com ela dessa maneira! Devia ter vergonha!” Qualquer coisa estúpida como esta. Não me recordo. A Carrie começou a dirigir-se para casa, parou e depois recomeçou a andar, e pouco antes de passar do nosso quintal para o dela, virou-se para trás e olhou para mim com um ar... oh, horrível. Não consigo descrevê-lo. De desejo, de raiva e de medo... e de *infelicidade*. Como se a vida lhe tivesse caído em cima como um pedregulho, tudo isto aos três anos.»

«A minha mãe saiu de casa e fez uma careta ao ver a criança. E a Margaret... oh, gritava coisas acerca de

prostitutas e rameiras e dos pecados dos pais que chegavam à sétima geração. A minha língua parecia uma plantazinha ressequida.»

«Por um segundo, a Carrie hesitou entre os dois quintais, e depois a Margaret White olhou para cima e juro por Deus que aquela mulher *ladrou* para o céu. E em seguida começou a... ferir-se, a castigar-se. Arranhava o pescoço e a cara, fazendo manchas vermelhas e arranhões. Rasgou o vestido.»

«A Carrie gritou “mamã!” e correu para ela.»

«A senhora White como que... se agachou, como uma rã e abriu muito os braços. Julguei que ela ia esmagá-la e dei um grito. A mulher sorria. Sorria e babava-se até ao queixo. Oh, fiquei agoniada. Céus, fiquei tão agoniada.»

«Ela recompôs-se e entraram as duas em casa. Desliguei o rádio e consegui ouvi-la. Algumas palavras, mas não todas. Não era preciso ouvir tudo para perceber o que se estava a passar. Rezas, soluços e guinchos. Sons estrambólicos. E a Margaret dizia à menina que se fechasse no armário e rezasse. A menina chorava e gritava que estava arrependida, que se esquecera. Depois, nada. E eu e a minha mãe ficámos a olhar uma para a outra. Nunca vi a mãe com tão mau aspeto, nem mesmo quando o pai morreu. Ela disse: “A criança...” E mais nada. Fomos para dentro.»

Ela levanta-se e aproxima-se da janela, uma linda mulher com um vestido de verão amarelo, sem costas.

«É quase como reviver tudo, sabe?» diz ela, sem se virar. «Sinto-me completamente exasperada outra vez.» Ri-se um pouco e agarra os cotovelos com a palma das mãos.

«Oh, ela era tão linda. Ninguém diria ao ver estas fotografias.»

Lá fora, os automóveis passam de um lado para o outro, e eu sento-me e espero que ela continue a falar. Faz-me lembrar uma atleta de salto à vara que observa a fasquia e se interroga se estará colocada demasiado alto.

«A minha mãe preparou-nos um chá escocês, forte, com leite, como costumava fazer quando eu me armava em Maria-rapaz e alguém me empurrava para cima das urtigas ou eu caía da bicicleta. Tinha um sabor horrível, mas bebêmo-lo mesmo assim, sentadas uma em frente da outra, num canto da cozinha. Ela usava um vestido velho de trazer por casa, com a bainha descosida nas costas, e eu vestia o meu fato de banho de duas peças, qual Prostituta da Babilónia. Apeteceu-me chorar, mas tudo aquilo era demasiado real e não como no cinema. Uma vez, quando estava em Nova Iorque, reparei num velho bêbado que levava pela mão uma menina de vestido azul. A menina tinha chorado tanto que sangrava do nariz. O bêbado sofria de bócio e o pescoço dele parecia uma câmara de ar. Tinha um galo no meio da testa e uma longa fita branca no casaco azul de sarja que vestia. Toda a gente seguia o seu próprio caminho porque, desse modo, pouco depois deixaria de os ver. Isto também era real.»

«Apeteceu-me contar isto à minha mãe e ia precisamente a abrir a boca quando aconteceu a outra coisa... a coisa de que o senhor quer ouvir falar, suponho. Ouviu-se um grande estrondo lá fora que fez tilintar os vidros do louceiro. Foi uma sensação e um som, consistente e sólido, como se alguém tivesse empurrado um cofre de ferro do telhado.»

Ela acende outro cigarro e começa a soltar bafordas rápidas.

«Fui à janela e olhei lá para fora, mas não consegui ver nada. Depois, quando ia a virar-me, caiu outra coisa. O Sol refletiu-se nela. Por instantes, julguei tratar-se de um grande globo de vidro. Depois, aquilo embateu no beiral do telhado dos White e estilhaçou-se, e não era vidro. Era um grande pedaço de gelo. Voltei-me para contar à mãe, e foi então que elas começaram a cair todas ao mesmo tempo, em chuva.»

«Caíam do telhado dos White, tanto nas traseiras como no relvado da frente, em cima da porta que dava para a cave. Havia um telheiro de folha de Flandres, e quando a primeira pedra caiu em cima dele fez um enorme *bong*, como o sino de uma igreja. Eu e a minha mãe começámos a gritar. Agarrámo-nos uma à outra como duas raparigas no meio de uma trovoadada.»

«Depois, aquilo acabou. Não se ouviu um único som vindo da casa delas. Via-se a água do gelo derretido a pingar das telhas de ardósia e a brilhar ao sol. Havia um grande bloco de gelo enfiado na aresta do telhado e da pequena chaminé. A luz era tão ofuscante que me doíam os olhos só de observá-la.»

«A minha mãe perguntou-me se aquilo tinha acabado e depois a Margaret gritou. O som chegou até nós com muita nitidez. De certo modo, foi pior que o anterior, porque denotava terror. Seguiram-se outros ruídos e sons metálicos, como se ela estivesse a atirar à menina todos os tachos e panelas que tinha em casa.»

«A porta das traseiras abriu-se de repente e voltou a fechar-se. Não saiu ninguém. Mais gritos. A mãe disse-me para telefonar à Polícia, mas não consegui mexer-me. Estava colada ao chão. O senhor Kirk e a mulher, Virginia, foram ao quintal para ver o que se passava. Os

Smith, também. Pouco depois, todas as pessoas da rua que estavam em casa tinham saído, até a velha senhora Warwick, que morava no quarteirão seguinte e era surda de um ouvido.»

«Os objetos começaram a chocar, a tilintar e a partir-se. Garrafas, copos e não sei mais o quê. E depois, a janela lateral abriu-se de repente e a mesa da cozinha caiu no meio do caminho. Deus é minha testemunha. Era um grande móvel de mogno, arrastou a porta de rede e devia pesar uns cento e cinquenta quilos. Como podia uma mulher, mesmo que fosse corpulenta, atirar uma coisa daquelas?»

Perguntei-lhe se ela estava a insinuar alguma coisa.

«Estou apenas a *contar-lhe*», insiste ela, subitamente abatida. «Não lhe estou a pedir que acredite...»

Parece recuperar o fôlego e prossegue, categórica:

«Não aconteceu nada durante uns cinco minutos. A água escorria das goteiras. E o relvado dos White estava cheio de gelo, que se derretia depressa.»

Ela dá uma risadinha cortante e apaga o cigarro.

«Porque não? *Estávamos* em agosto.»

Volta a dirigir-se maquinalmente para o sofá e depois vira-se.

«Depois, foram as pedras. Caíram sem mais nem menos do céu azul, azul. Sibilantes e estridentes como bombas. A minha mãe gritou: “O que é isto, valha-me Deus!” e pôs as mãos na cabeça. Mas eu não consegui mexer-me. Assisti àquilo tudo e não consegui mexer-me. Não foi importante, de qualquer modo. Elas só caíram na propriedade dos White.»

«Uma delas atingiu uma goteira e deitou-a ao chão. Outras abriram buracos no telhado e no sótão. Ouvia-se

o telhado a estalar de cada vez que uma o atingia e saíam nuvens de poeira. As pedras que caíam no chão faziam vibrar tudo. Sentíamos a vibração nos pés.»

«A nossa louça tilintava, o elegante aparador escocês tremia e a chávena de chá da mãe caiu ao chão e partiu-se.»

«As pedras abriram grandes buracos ao caírem no relvado das traseiras dos White. Crateras. A senhora White contratou um ferro-velho do outro lado da cidade para as levar e Jerry Smith, que morava mais acima, pagou-lhe um dólar para que o deixasse cortar um bocado de uma delas. Levou-o ao B.U. e eles olharam para ela e disseram que se tratava de granito vulgar.»

«Uma das últimas caiu em cima de uma mesinha que elas tinham no quintal e despedaçou-a.»

«Mas nada, nada que não estivesse na propriedade delas foi atingido.»

Ela cala-se, vira-se para mim e está pálida por ter lembrado tudo aquilo. Uma das mãos brinca maquinalmente com o cabelo cortado à moda.

«Não veio grande coisa no jornal local. Quando o Billy Harris apareceu — era ele que relatava o que acontecia em Chamberlain — já ela tinha mandado consertar o telhado, e quando as pessoas lhe contaram que as pedras o tinham atravessado, acho que o Billy julgou que estávamos todos a enfiar-lhe o barrete.»

«Ninguém quer acreditar nisso, nem mesmo agora. O senhor e todas as pessoas que lerem o que escrever, preferirão rir-se e considerar-me mais uma tresloucada que apanhou sol em excesso na cabeça. Mas isto *aconteceu*. Há muitas pessoas no quarteirão que *viram* a cena, que foi tão real como aquele bêbado que levava pela mão a menina com o nariz ensanguentado. E agora há

outra coisa. Também ninguém se pode rir disso. Morreu muita gente.»

«E não só na propriedade dos White.»

Ela sorri, mas sem uma ponta de humor. Diz:

«O Ralph White estava coberto pelo seguro, e a Margaret recebeu muito dinheiro quando ele morreu... Uma dupla indemnização. Além disso, ele deixou a casa segura, mas ela nunca recebeu um cêntimo por isso. Os estragos foram causados por um ato divino. Justiça poética, hem?»

Ela ri-se um pouco, mas mais uma vez sem humor...

Escrito várias vezes na folha de um caderno do Liceu Integrado de Ewen pertencente a Carrie White:

*Toda a gente pensou/ aquela menina não pode ser abençoada/ até perceber que é igual a todas as outras*⁷.

Carrie entrou em casa e fechou a porta. A luz clara do dia desapareceu e foi substituída por sombras acastanhadas, pela frescura e pelo cheiro opressivo a pó de talco. O único som era o tiquetaque do relógio de cuco que estava na sala. A mamã conseguira o relógio de cuco graças aos Selos Verdes. Uma vez, quando andava no sexto ano, Carrie tinha resolvido perguntar à mamã se os Selos Verdes não eram pecaminosos, mas faltara-lhe a coragem.

Percorreu o corredor e pendurou o casaco no armário. Um quadro fosforescente por cima dos cabides representava um Jesus fantasmagórico a pairar sobre uma família sentada

⁷ Letra da canção *Just Like a Woman*, de Bob Dylan. Copyright 1966 Dwarf Music. Uso autorizado por Dwarf Music. (N. do A.)

à mesa da cozinha. Por baixo, uma legenda (também fosforescente): *O Hóspede Invisível*.

Carrie entrou na sala de estar e parou no meio da carpete desbotada e que começava a ficar puída. Fechou os olhos e viu os pontinhos a faiscar na escuridão. A dor de cabeça concentrava-se desagradavelmente nas têmporas, que latejavam.

Sozinha.

A mamã era empregada na engomadaria da Lavandaria Blue Ribbon do Chamberlain Center. Trabalhava lá desde que Carrie tinha cinco anos, quando a indemnização do seguro devida pelo acidente do pai começara a esgotar-se. Tinha um horário das sete e meia da manhã até às quatro horas da tarde. A lavandaria era Ateia. A mamã falara-lhe tantas vezes nisso. O chefe, o senhor Elton Mott, era particularmente Ateu. A mamã dizia que Satanás tinha reservado um canto azul especial no Inferno para o Elt, como ele era conhecido na Blue Ribbon.

Sozinha.

Carrie abriu os olhos. Na sala de estar havia duas cadeiras com o espaldar a direito e uma mesa de costura com um candeeiro, onde às vezes Carrie fazia vestidos ao serão, enquanto a mamã fazia naperons de croché e falava da Vinda. O relógio de cuco estava pendurado na parede do fundo.

Havia muitos quadros religiosos, mas o preferido de Carrie estava na parede por cima da sua cadeira. Era Jesus a apascentar ovelhas numa colina tão verdejante e aveludada como o campo de golfe de Riverside. Os motivos dos outros não eram tão apaziguadores: Jesus a expulsar os vendilhões do templo, Moisés a atirar as Tábuas aos que adoravam o bezerro de ouro, Tomé, o indeciso, com a mão pousada no lado ferido de Cristo (oh, o fascínio horripilante desse quadro e os pesadelos que

lhe causara quando ela era pequena!), a arca de Noé a flutuar sobre os pecadores agonizantes que se afogavam, Lot e a família a fugir do grande incêndio de Sodoma e Gomorra.

Em cima de uma pequena mesa de jogo, havia um candeeiro e um monte de panfletos. O de cima mostrava um pecador (cujo estado de espírito estava bem patente na sua expressão agónica) a tentar enfiar-se debaixo de um grande penedo. O título era bastante esclarecedor: *Nem o rochedo o esconderá NESSE DIA!*

Mas o aposento era de facto dominado por um enorme crucifixo de gesso pendurado na parede do fundo, com um metro e vinte de altura. A mamã encomendara-o pelo correio e mandara-o vir especialmente de St. Louis. O Jesus empalado nele ostentava um esgar de dor grotesco e crispado, com a boca repuxada numa linha curva gemebunda. Da coroa de espinhos, saíam fios de sangue escarlata que lhe escorriam pelas têmporas e pela testa. Os olhos estavam virados para cima, numa expressão medieval de agonia enviesada. As mãos também estavam ensopadas em sangue e os pés estavam pregados a um pequeno estrado de gesso. Este conjunto valera igualmente a Carrie pesadelos intermináveis, nos quais o corpo mutilado de Cristo a perseguia através de corredores oníricos, empunhando um martelo e pregos, suplicando-lhe que aceitasse a sua própria cruz e O seguisse. Precisamente nos últimos tempos, estes sonhos tinham evoluído para algo menos compreensível mas mais sinistro. O objetivo parecia não ser o assassinio mas alguma coisa ainda mais terrível.

Sozinha.

As dores nas pernas, na barriga e nas partes íntimas tinham amainado um pouco. Carrie já não pensava que se esvairia em sangue. A palavra era *menstruação*, e de repente aquilo pareceu-lhe lógico e inevitável. Eram os seus Dias do Mês. Soltou uma risada estranha e assustada no meio do silêncio austero

da sala de estar. Aquilo fazia-lhe lembrar um concurso de perguntas e respostas. Você também pode ganhar uma viagem às Bermudas com tudo pago nos Dias do Mês. Tal como a recordação das pedras, o conhecimento da menstruação parecia ter estado sempre ali, bloqueado mas à espera.

Carrie deu meia-volta e subiu pesadamente as escadas. A casa de banho tinha um soalho de madeira quase branco de tão bem esfregado que era (o Asseio anda a par e passo com a Santidade) e uma banheira assente em pés que pareciam garras. Viam-se manchas de ferrugem na porcelana por baixo da torneira cromada e não havia chuveiro. A mamã dizia que os chuveiros eram pecaminosos.

Carrie entrou, abriu o armário das toalhas e começou a procurar com determinação mas também com cuidado, sem deixar nada desarrumado. A mamã tinha olhos de lince.

A caixa azul estava mesmo ao fundo, atrás das toalhas velhas que já não eram usadas. Ostentava de lado uma silhueta difusa de mulher que envergava um vestido de noite comprido e transparente.

Carrie tirou um penso higiénico e olhou para ele com curiosidade. Tinha tirado o batom que trazia escondido na carteira muito abertamente com eles — uma vez, numa esquina. Lembrava-se agora (ou imaginava que se lembrava) dos olhares estranhos e escandalizados. Sentiu-se corar. *Elas* é que a tinham elucidado. O rubor deu lugar a uma raiva turva.

Entrou no seu quarto acanhado, onde havia muitos mais quadros religiosos, mas com mais cordeiros e menos cenas de ira puritana. Por cima da cómoda, estava pendurado um galhardete de Ewen. No tampo propriamente dito, encontrava-se uma Bíblia e um Jesus de plástico que brilhava na escuridão.

Carrie despiu-se — primeiro a blusa, depois aquela saia detestável que lhe tapava os joelhos, a combinação, a cinta, as

calcinhas, o cinto de ligas e as meias. Olhou para o monte de roupas pesadas, para os botões e para os elásticos, com uma expressão de feroz desolação. Na biblioteca da escola, havia uma pilha de números atrasados da *Seventeen* que ela folheava muitas vezes, com uma expressão de indiferença idiota estampada na cara. As manequins pareciam tão insinuantes e à vontade dentro das suas saias curtas e arrebatadoras, dos *collants* e da roupa interior vaporosa e de fantasia. É claro que *à vontade* era um dos termos preferidos da mamã (ela sabia que a mamã diria oh nem pensar) para descrevê-las. E isso fazia-a sentir-se terrivelmente constrangida, como bem sabia. A nudez, o mal, agravados pelo pecado do exibicionismo, a brisa a soprar indecentemente na parte posterior das pernas, a incitar à lascívia. E Carrie sabia que *elas* saberiam como ela se sentia. Sabiam sempre. Envergonhá-la-iam de qualquer maneira, atirando-a selvaticamente para o reino do grotesco. Eram assim.

Ela podia, sabia que podia estar
(onde)

noutro sítio. Era grossa de cintura só porque às vezes se sentia tão infeliz, tão vazia, tão aborrecida que a única maneira de preencher esse buraco aberto e gritante era comer, comer, comer — mas não era assim *tão* grossa no meio. A química do seu corpo não lhe permitia ultrapassar um determinado ponto. E considerava que as suas pernas eram mesmo bonitas, quase tão bonitas como as da Sue Snell ou da Vicky Hanscom. Ela podia ser

(o quê o quê o quê)

podia deixar de comer chocolates e as borbulhas desapareceriam. Desapareciam sempre. Podia arranjar o cabelo. Comprar *collants* e fatos de ginástica azuis e verdes. Fazer saias mais curtas e vestidos inspirados nos modelos Butterick

e Simplicity. O preço de um bilhete de autocarro, de um bilhete de comboio. Ela podia estar, podia estar, podia *estar*...

Viva.

Desprendeu o pesado sutiã de algodão e deixou-o cair. Os seus seios eram brancos como o leite, espetados e macios. Os mamilos tinham uma cor de café claro. Passou as mãos por eles e sentiu um pequeno arrepio no corpo todo. O mal, era mau, oh se era. A mamã tinha-lhe dito que existia Algo. Esse Algo era perigoso, antigo, dotado de uma maldade inexprimível. Podia tornar as pessoas Fracas. *Cuidado*, disse a mamã. *Isso aparece à noite. Far-te-á pensar no mal que existe nos parques de estacionamento e nos bares de estrada.*

Mas, embora fossem apenas nove e vinte da manhã, Carrie pensou que esse Algo a tinha atingido. Passou as mãos pelos seios

(almofadassujas)

outra vez, e a pele estava fresca mas os mamilos estavam quentes e duros, e quando ela beliscou um, sentiu-se fraca e a desintegrar-se. Sim, isto era o Algo.

As cuecas estavam manchadas de sangue.

De repente, sentiu que tinha de começar a chorar, a gritar ou a arrancar o Algo do seu corpo, de esmagá-lo, de matá-lo.

O penso higiénico que a senhora Desjardin lhe pusera já estava a desfazer-se e Carrie mudou-o com todo o cuidado, sabendo como era má, como *elas* eram más, como ela as odiava e se odiava. Só a mamã era boa. A mamã lutara com o Homem Negro e vencera-o. Carrie assistira à cena num sonho. A mamã expulsara-o de casa com uma vassoura e o Homem Negro fugira por Carlin Street, embrenhara-se na noite e dos seus pés fendidos em contacto com o cimento saíram chispas vermelhas.

A mãe tinha arrancado o Algo de si própria e era pura.

Carrie odiava-a.

Viu-se de relance no pequeno espelho que pendurara do lado de dentro da porta, um espelho com uma moldura barata de plástico verde que só servia para ela se pentear.

Detestava a sua cara, a sua cara monótona, estúpida e bovina, os olhos insípidos, as borbulhas lustrosas, os montes de pontos negros. Acima de tudo, detestava a sua cara.

De repente, o reflexo cindiu-se com um estalido metálico. O espelho caiu ao chão e estilhaçou-se aos seus pés, deixando apenas a moldura de plástico a observá-la como se fosse um olho vendado.

Do Ogilvie's Dictionary of Psychic Phenomena:

Telecinesia é a capacidade de deslocar objetos ou provocar alterações em objetos pela força da mente. O fenómeno foi descrito com grande fiabilidade em épocas de crise ou em situações de stress, nomeadamente quando automóveis se afastaram sozinhos de corpos encarcerados ou o entulho proveniente de prédios desmoronados levitou, etc.

Muitas vezes, o fenómeno é confundido com a ação dos *poltergeists*, que são espíritos brincalhões. Note-se que os *poltergeists* são seres astrais cuja existência real é questionável, enquanto que a telecinesia é considerada uma função empírica da mente, possivelmente de natureza eletroquímica...

Quando acabaram de fazer amor, enquanto compunha lentamente as suas roupas no banco traseiro do *Ford* de 1963 que

pertencia a Tommy Ross, Sue Snell verificou que os seus pensamentos se viravam de novo para Carrie White.

Era sexta-feira à noite e Tommy (que olhava com um ar pensativo pela janela de trás, com as calças ainda enroladas nos tornozelos; o efeito era cómico mas estranhamente enternecedor) tinha-a levado ao *bowling*. Essa era, claro, uma desculpa mutuamente aceite. A fornicação estava na mente de ambos quando resolveram sair.

Desde outubro (agora decorria o mês de maio) que ela saía quase sempre com Tommy, e eram amantes havia apenas duas semanas. Sete vezes, corrigiu ela. Essa noite fora a sétima. Ainda não houvera fogo de artifício, nem bandas a tocar *Stars and Stripes Forever*, mas a coisa correra um pouco melhor.

Da primeira vez, doera como tudo. As amigas, Helen Shyres e Jeanne Gault, já tinham feito Aquilo, e garantiram-lhe que a dor não durava mais de um minuto — era como levar uma injeção de penicilina — e depois era um mar de rosas. Mas para Sue, a primeira vez fora como se a tivessem alargado com o cabo de uma enxada. Tommy confessara-lhe desde logo, com um sorriso, que pusera mal o preservativo, também.

Essa noite era apenas a segunda vez que ela começara a sentir alguma coisa parecida com prazer, e depois acabara. Tommy aguentara o mais que pudera, mas depois... acabara. Parecia-lhe demasiada fricção para tão pouco calor.

Logo a seguir, Sue sentira-se abatida e melancólica, e foi a esta luz que os seus pensamentos se viraram para Carrie. Foi atingida por uma onda de remorso num momento em que se sentia emocionalmente desprotegida e, quando Tommy deixou de olhar para Brickyard Hill, ela estava a chorar.

— Eh — disse ele, alarmado. — Oh, eh.

Abraçou-a desajeitadamente.

— Está tudo bem — disse ela, ainda a chorar. — Não é nada contigo. Hoje fiz uma coisa que não foi muito boa. Estava a pensar nisso.

— O que foi?

Tommy deu-lhe uma palmadinha terna na nuca.

E foi assim que Sue deu consigo a contar a história daquele incidente matinal, custando-lhe a acreditar que ouvia a sua própria voz. Para ser sincera, concluiu que o principal motivo pelo qual permitira que Tommy a possuísse era porque estava

(apaixonada? embeijada? não interessava, as consequências eram as mesmas)

por ele, e agora o facto de se colocar nesta posição — colaborar numa brincadeira de mau gosto no balneário — não era a melhor maneira de caçar um sujeito. E Tommy era, evidentemente, Popular. Como alguém que também fora sempre Popular, quase parecia estar escrito que Sue havia de conhecer e apaixonar-se por alguém tão Popular como ela. Era quase certo que seriam eleitos Rei e Rainha do Baile da Primavera organizado pelo liceu, e a turma dos finalistas já os elegera o par do ano. Haviam-se tornado uma estrela permanente no firmamento mutável das relações do liceu, os reconhecidos Romeu e Julieta. E Sue compenetrara-se, com uma raiva súbita, de que havia um par como eles em todos os liceus periféricos de brancos da América.

E apesar de ter alcançado algo que sempre desejara ardentemente — uma sensação de pertença, de segurança, de estatuto — descobriu que isso acarretava incomodidade, como uma irmã com a pele mais escura. Não era assim que ela imaginara a situação. Havia coisas escuras a rondar o seu círculo quente de luz. A ideia de que deixara que Tommy a fodesse

(tens de dizer isso dessa maneira sim desta vez tenho)

só porque ele era Popular, por exemplo. O facto de andarem ao mesmo ritmo ou de ela olhar para o reflexo de ambos no vidro de uma montra e pensar, *Vai ali um par elegante*. Ela tinha a certeza absoluta

(ou apenas a esperança)

de que não era assim tão fraca, tão propensa a deixar-se levar docilmente pelas expectativas complacentes dos pais, das amigas e até de si própria. Mas agora registara-se este episódio do balneário, no qual ela se envolvera com uma alegria intensa e selvagem. A palavra que evitava era *Conformar-se*, no Infinito, e conjurava imagens lamentáveis de rolos no cabelo, longas tardes passadas em frente da tábua de engomar, a ver telenovelas, enquanto o marido se esfalfava a trabalhar num Escritório anónimo; de fazer parte da Associação de Pais e Professores e depois do *country club* quando o rendimento de ambos passasse a ser de cinco dígitos; de pílulas em embalagens amarelas circulares que a protegessem de ter de abandonar os tamanhos das misses antes disso ser absolutamente necessário e da intromissão de pequenos desconhecidos repelentes que faziam nas calças e gritavam por socorro às duas da manhã; de lutar com um decoro desesperado para afastar os pretos de Kleen Korners, ficando ombro a ombro com Terri Smith (Miss Flor de Bata-teira de 1975) e Vicki Jones (vice-presidente da Women's League), equipada com tabuletas, petições e sorrisos adocicados e eivados de desespero.

Carrie, era aquela maldita Carrie, a culpa era dela. Talvez já tivesse ouvido passos ao longe, à volta do sítio iluminado em que se encontravam, mas nessa noite, ao escutar a sua própria história sórdida e ordinária, viu mesmo as silhuetas de todas estas coisas e uns olhos amarelos que brilhavam como holofotes na escuridão.

Já tinha comprado o vestido para o baile do liceu. Era azul. Era lindo.

— Tens razão — disse ele quando ela se calou. — Uma má notícia. Isso nem parece teu.

Tommy estava muito sério e ela sentiu um calafrio. Depois ele sorriu — tinha um sorriso muito prazenteiro — e a escuridão afastou-se um pouco.

— Uma vez, dei um pontapé nas costelas de um miúdo que estava inconsciente. Já te falei nisto?

Ela abanou a cabeça.

— Pois foi. — Tommy esfregou o nariz, como se fizesse um esforço de memória, e a sua face contraiu-se um pouco, como quando ele confessara que tinha posto mal o preservativo da primeira vez. — O miúdo chamava-se Danny Patrick. Uma vez, deu-me uma tarefa do caraças quando andávamos no sexto ano. Eu odiava-o, mas também fiquei assustado. Trazia-o debaixo de olho. Sabes como é?

Sue não sabia, mas fez um sinal afirmativo.

— De qualquer modo, ele escolheu o miúdo errado passado um ano e picos. O Pete Taber. Era pequeno, mas muito musculoso. O Danny meteu-se com ele por qualquer motivo. Não sei, berlindes ou qualquer coisa assim, até que o Pete perdeu a paciência e deu-lhe uma sova. Isto foi no recreio do antigo Liceu Kennedy Junior. O Danny caiu, bateu com a cabeça no chão e desmaiou logo. Fugiram todos. Julgámos que ele estava morto. Eu também fugi, mas primeiro dei-lhe um valente pontapé nas costelas. Depois, senti-me mesmo mal comigo próprio. Vais pedir-lhe desculpa?

A pergunta apanhou-a desprevenida e Sue apenas conseguiu balbuciar:

— Tu pediste?

— O quê? Raios, não! E tinha mais que fazer do que passar o meu tempo a medir forças. Mas há uma grande diferença, Susie.

— Há?

— Já não estamos no sétimo ano. E eu tinha uma razão, embora fosse insignificante. O que é que essa cabra estúpida te fez?

Ela não respondeu porque não conseguiu. Nunca trocara mais de uma centena de palavras com Carrie na sua vida, trinta e tal das quais nesse dia. Educação Física era a única aula que tinham em conjunto desde que haviam acabado o curso no Liceu Chamberlain Júnior. Carrie seguira a via profissionalizante. Sue, evidentemente, preparava-se para entrar na faculdade.

De repente, Sue sentiu repulsa por si própria.

Descobriu que não conseguia suportar essa sensação e virou-se contra ele.

— Quando começaste a tomar todas essas grandes decisões morais? Depois de começares a foder-me?

Sue viu o bom humor a desvanecer-se na cara dele e arrependeu-se.

— Acho que devia ter ficado calado — disse Tommy, e puxou as calças para cima.

— Não és tu, sou eu. — Sue pousou a mão no braço dele. — Estou envergonhada, percebes?

— Eu sei — respondeu ele. — Mas eu não devia dar conselhos. Não sou muito bom nisso.

— Tommy, às vezes não detestas ser tão... bem, Popular?

— Eu? — A pergunta deixou-o visivelmente surpreendido. — Referes-te ao futebol e ao facto de eu ser delegado de turma e tudo isso?

— Sim.

— Não. Isso não é muito importante. O liceu não é um sítio muito importante. Quando as coisas te correm bem, julgas que

és o máximo, mas quando isso acaba, ninguém lhe atribui muita importância a menos que esteja com os copos. É assim que o meu irmão e os amigos dele são.

Estas palavras não a acalmaram; só aumentaram os seus receios. A pequena Susie toda sociável do Liceu de Ewen, a Miúda Mais Gira de toda a Brigada das Miúdas Giras. Com o vestido de baile guardado para sempre no roupeiro, envolvido num saco de plástico.

A escuridão da noite aumentou através dos vidros ligeiramente embaciados do carro.

— É provável que eu acabe a trabalhar no stand de automóveis do meu pai — disse ele. — Passarei as noites de sexta-feira e de sábado no Uncle Billy's ou no The Cavalier a beber cerveja e a falar daquela tarde de sábado em que consegui fazer um negócio de arromba com o Saunders e discutimos com o Dorchester. Casarei com uma gaja resmungona qualquer e conduzirei sempre o nosso último modelo, votarei nos Democratas...

— Não digas isso — pediu Sue, com a boca subitamente cheia de um horror soturno e adocicado. Puxou-o para si. — Faz amor comigo. A minha cabeça está tão mal esta noite. Faz amor comigo. Faz amor comigo.

Então, ele fez amor com ela e desta vez foi diferente, desta vez parecia realmente haver espaço, e o atrito cansativo deu lugar a uma fricção deliciosa que subia cada vez mais... Ele foi obrigado a parar duas vezes, sem fôlego, refreou-se e depois recomeçou

(ele era virgem antes de mim e admitiu-o mas eu teria acreditado numa mentira)

com força e a respiração dela transformou-se numa sucessão de arquejos curtos e profundos e depois ela começou a gritar e a agarrar-se às costas dele, sem conseguir parar, a suar, e o sabor

desagradável dissipou-se, como se todas as células atingissem o seu próprio clímax, com o corpo cheio de sol, notas musicais na cabeça, borboletas atrás do crânio, na gaiola da sua mente.

Mais tarde, a caminho de casa, ele perguntou-lhe formalmente se ela seria o seu par no Baile da Primavera. Ela respondeu que sim. Ele perguntou-lhe se ela tinha resolvido o que iria fazer em relação a Carrie. Ela respondeu que não. Ele acrescentou que isso não tinha importância, mas ela não ficou convencida. Começava a parecer-lhe que isso fazia toda a diferença.

De «Telekinesis: Analysis and Aftermath»⁸ (*Science Yearbook*, 1981), de Dean D.L. McGuffin:

Hoje em dia, ainda há cientistas — infelizmente, os da Universidade de Duke vêm à cabeça — que rejeitam as terríveis implicações subjacentes ao caso de Carrie White. Como a Flatlands Society, os rosacrucianos ou os Corlies do Arizona, que afirmam categoricamente que a bomba atômica não funciona; estes infelizes recusam-se a aceitar a evidência da lógica e enfiam a cabeça na areia — e peço desculpa pela confusão da metáfora.

É claro que compreendemos a consternação, a vozeria, as cartas e as discussões inflamadas em reuniões científicas. O conceito de telecinesia tem sido difícil de engolir para a sociedade científica, com os seus ingredientes de filmes de terror, designadamente tábuas mediúnicas, médiuns, pancadas nas mesas e grinaldas voadoras; mas, mesmo assim, esta compreensão não desculpa a irresponsabilidade dos cientistas.

⁸ «Telecinesia: Análise e Consequências». (N. da T.)

O desfecho do caso White suscita perguntas graves e difíceis. Um tremor de terra abalou as nossas noções ordenadas sobre o modo como o mundo natural supostamente age e reage. Podemos acusar um físico de renome como Gerald Luponet por afirmar que tudo isto é uma mistificação e uma fraude, mesmo à luz de provas tão avassaladoras como as que a Comissão White apresentou? Porque, se Carrie White é a realidade, então o que pensar de Newton?...

Carrie e a mamã estavam na sala, a ouvir o Tennessee Ernie Ford a cantar *Let the Lower Lights Be Burning* num gira-discos *Webcor* (a que a mamã chamava vitrola ou, se estava particularmente bem-disposta, vitro). Carrie estava sentada à máquina de costura, a dar ao pedal enquanto cosia as mangas de um vestido novo. A mamã estava instalada debaixo do crucifixo de gesso a fazer naperons de croché e batia os pés a compasso com a canção, que era uma das suas preferidas. O senhor P. P. Bliss, que tinha composto este cântico e aparentemente muitos outros, era um dos exemplos gritantes, na opinião da mamã, da obra de Deus à face da Terra. O homem fora marinheiro e pecador (dois termos que eram sinónimos no léxico da mamã), um grande blasfemo, uma gargalhada na cara do Todo-Poderoso. Depois, desencadeara-se uma grande tempestade no mar, o barco ameaçara voltar-se, e o senhor P. P. Bliss deixara-se cair sobre os seus joelhos doentes de tanto pecar ao ter uma visão do Inferno que se abriu no fundo do mar para o receber, e rezara a Deus. O senhor P. P. Bliss prometeu a Deus que, se Ele o salvasse, Lhe dedicaria o resto da sua vida. A tempestade, evidentemente, dissipara-se logo.

*A misericórdia do nosso Pai
Do Seu farol brilha com fulgor,
Mas as luzes guiam-nos ao longo da costa
Com todo o Seu amor...*

Em todos os cânticos do senhor P. P. Bliss havia um sabor a mar.

O vestido que ela cosia à máquina era bastante bonito, por sinal, cor de vinho escuro — o mais próximo do vermelho que a mamã a deixava usar — e com mangas de balão. Carrie tentava concentrar-se apenas na costura, mas a sua mente deambulava.

A luz do teto era forte, agressiva e amarelada, o pequeno sofá fofo e poeirento estava vazio, claro (Carrie nunca tivera um rapaz que se sentasse ali) e na parede do fundo viam-se duas sombras gêmeas: Jesus crucificado e, por baixo, a mamã.

A mamã recebera um telefonema da escola e chegara a casa ao meio-dia. Carrie vira-a subir o caminho e sentira um tremor na barriga.

A mamã era uma mulherança e andava sempre de chapéu. Nos últimos tempos, as pernas dela tinham começado a inchar e os pés pareciam transbordar dos sapatos. Usava um casaco de fazenda preta com uma gola de pele da mesma cor. Tinha os olhos azuis, ampliados por óculos com lentes bifocais sem aros. Trazia sempre na mão uma grande mala preta, onde guardava o porta-moedas, a carteira das notas (ambos pretos), uma grande Bíblia do Rei Jaime (também preta) com o nome dela gravado a ouro na capa, e um molho de panfletos religiosos presos com um elástico. Em geral, os panfletos eram cor de laranja e mal impressos.

Carrie sabia vagamente que a mamã e o papá Ralph tinham sido batistas em tempos, mas haviam deixado de ir à igreja

quando se convenceram de que os batistas faziam o trabalho do Anticristo. Desde então, todos os atos de culto se realizavam em casa. A mamã praticava-os aos domingos, terças e sextas-feiras. Chamava-lhes Dias Santos. A mamã era o pastor e Carrie a congregação. Os serviços religiosos duravam duas a três horas.

A mamã tinha aberto a porta e entrado com um ar imper turbável. Ela e Carrie tinham-se encarado por instantes no pequeno vestíbulo, como atiradores antes de um tiroteio. Foi um daqueles momentos que parecia

(medo realmente podia ter sido medo nos olhos da mamã) muito mais longo em retrospectiva.

A mamã fechou a porta.

— És uma mulher — disse ela em voz baixa.

Carrie sentiu a cara a contorcer-se e a crispar-se, mas não conseguiu evitá-lo.

— Porque não me *avison*? — gritou ela. — Oh, mamã, fiquei tão *assustada*! E todas as raparigas fizeram troça e atiraram coisas e...

A mamã começara a dirigir-se a ela, e nesse momento a sua mão ergueu-se subitamente, lesta e ágil, uma mão dura, musculosa e calejada pelo trabalho na lavandaria. Atingiu-a em cheio no maxilar e Carrie caiu na soleira da porta que separava o corredor da sala de estar, a chorar ruidosamente.

— E Deus criou Eva a partir da costela de Adão — rematou a mamã. Os seus olhos eram enormes, por trás dos óculos sem aros; pareciam ovos escalfados. Empurrou-a com a parte lateral do pé e Carrie gritou. — Levanta-te, mulher. Entremos e oremos. Vamos rezar a Jesus pelas nossas almas fracas, iníquas e pecadoras.

— *Mamã...*

Os soluços, demasiado fortes, não lhe permitiram dizer mais nada. A histeria latente soltara-se, com um sorriso escarninho

e de forma desarticulada. Carrie não foi capaz de se levantar. Conseguiu apenas rastejar para a sala, com o cabelo a cair sobre a cara, soltando soluços arrastados e roucos. De vez em quando, a mamã agitava o pé. E assim avançaram em direção ao sítio do altar, que antes fora um pequeno quarto.

— E Eva era fraca e... diz, mulher. Diz!

— Não, mamã, por favor, ajude-me...

O pé entrou em ação. Carrie deu um grito.

— E Eva era fraca e soltou o corvo no mundo — continuou a mamã — e o corvo chamava-se Pecado, e o Pecado original foi o Sexo. E o Senhor castigou Eva com uma Maldição, que foi a Maldição do Sangue. E Adão e Eva foram expulsos do Jardim e vieram para o Mundo e Eva descobriu que a barriga tinha crescido por causa do filho que trazia lá dentro.

O pé agitou-se e atingiu o traseiro de Carrie. O nariz dela roçou no soalho. Iam a entrar no sítio do altar. Havia uma cruz em cima de uma mesa coberta com um panejamento de seda bordada. Atrás, viam-se vários quadros que representavam Jesus e os Seus apóstolos. E à direita, ficava o pior sítio de todos, a casa do terror, a gruta onde toda a esperança, toda a resistência à vontade de Deus — e da mamã — se extinguia. A porta do armário abriu-se. Lá dentro, por baixo de uma horrível lâmpada azul que estava sempre acesa, via-se a concepção de Derrault do famoso sermão de Jonathan Edwards, *Pecadores nas Mãos de um Deus Irado*.

— E houve uma segunda Maldição, que foi a Maldição da Gravidez, e Eva deu à luz Caim no meio do suor e do sangue.

Nesse momento, a mamã arrastou-a, meio de pé meio de cócoras, até ao altar, onde ambas se ajoelharam. A mamã agarrou o pulso de Carrie com muita força.

— E depois de Caim, Eva deu à luz Abel, porque ainda não se tinha arrependido do Pecado do Sexo. E foi assim que

o Senhor castigou Eva com uma terceira Maldição, que foi a Maldição do Assassínio. Caim levantou-se e matou Abel com uma pedra. E mesmo assim, Eva não se arrependeu, nem todas as filhas de Eva, e depois de Eva a Serpente Astuta descobriu um reino de devassidão e pestilência.

— *Mamã!* — gritou ela. — Mamã, ouça, por favor! *A culpa não foi minha!*

— Inclina a cabeça — ordenou a mamã. — Vamos rezar.

— *Devia-me ter avisado!*

A mamã fez cair a mão sobre a nuca de Carrie, e com ela todos os pesados músculos desenvolvidos por onze anos a levantar grandes sacos de roupa suja e a carregar pilhas de lençóis molhados. A cara de Carrie, de olhos esbugalhados, foi projetada para a frente e a testa bateu no altar, deixando uma marca e fazendo estremecer as velas.

— Vamos rezar — disse a mamã em voz baixa, implacável.

A chorar e a fungar, Carrie inclinou a cabeça. Um fio de ranho que lhe caía do nariz executava um movimento pendular, e ela limpou-o

(se eu tivesse uma moeda de 5 cêntimos por cada vez que ela me fez chorar aqui)

com as costas da mão.

— Ó Senhor — declamou a mamã com grande espalhato, atirando a cabeça para trás —, ajuda esta mulher pecadora aqui ao meu lado a ver os pecados dos seus dias e atos. Mostra-lhe que, se tivesse permanecido sem pecado, a Maldição do Sangue nunca se teria abatido sobre ela. Talvez ela tenha cometido o Pecado dos Pensamentos Lascivos. Talvez tenha ouvido *rock'n'roll* na rádio. Talvez tenha sido tentada pelo Anticristo. Mostra-lhe que esta é a Tua mão dócil e vingadora em ação e...

— Não! Largue-me!

Carrie tentou levantar-se e a mão da mamã, forte e impiedosa como uma grilheta de ferro, obrigou-a a ajoelhar-se outra vez.

— ... e o Teu sinal de que ela tem de seguir o caminho direito e estreito a partir de agora, se quiser evitar as agonias e as chamas do Poço Eterno. Ámen.

Ela virou os olhos cintilantes e enormes para a filha.

— Agora vai para o teu armário.

— Não!

Carrie sentiu que o terror lhe dificultava a respiração.

— Vai para o teu armário. Reza em segredo. Pede perdão pelo teu pecado.

— Eu não pequei, mamã. *A senhora* é que pecou. Não me avisou e elas riram-se de mim.

Mais uma vez, pareceu-lhe ver um lampejo de medo nos olhos da mamã, que desapareceu rápido e silencioso como os relâmpagos de uma trovoada de verão. A mamã começou a empurrar Carrie para a luz azulada do armário.

— Reza a Deus e talvez os teus pecados sejam perdoados.

— Mamã, largue-me.

— Reza, mulher.

— Eu faço com que as pedras voltem, mamã.

A mamã parou.

Até a sua respiração pareceu imobilizar-se na garganta por um momento. E depois a mão apertou-lhe mais o pescoço, mais, até Carrie ver pontinhos vermelhos e líridos à frente dos olhos e sentir o cérebro atordoado e distante.

Os olhos esbugalhados da mamã oscilaram à sua frente.

— Tu nasceste do demónio — disse ela em surdina. — Porque fui tão amaldiçoada?

A mente atordoada de Carrie tentou descobrir qualquer coisa suficientemente grande para exprimir a agonia, a vergonha,

o terror, o ódio, o medo que sentia. Pareceu-lhe que toda a sua vida se resumira a este miserável e gasto gesto de rebelião. Esbugalhou os olhos, desvairada, e abriu muito a boca, cheia de cuspo.

— *Você CHUPA!* — gritou ela.

A mamã soprou como um gato escaldado.

— Pecado! — exclamou ela. — Oh, Pecado!

Começou a agredir Carrie, nas costas, no pescoço, na cabeça. Carrie foi empurrada, a cambalear, para a luz azulada do armário.

— *Você FODE!* — gritou Carrie.

(isso isso oh isso de que outra maneira é que julgas que ela te teve oh deus oh que bom)

Entrou no armário de cabeça, chocou com a parede do fundo e caiu no chão, meio atordoada. A porta fechou-se e a chave girou na fechadura.

Ficou a sós com o Deus irado da mamã.

A luz azul iluminou o quadro de um Jeová enorme e barbudo que lançava multidões ululantes de seres humanos, através de nuvens espessas, para um abismo de fogo. Lá em baixo, figuras horríveis e chamuscadas enfrentavam as chamas da perdição, enquanto o Homem Negro estava sentado num imenso trono cor de fogo, com um tridente na mão. Tinha corpo de homem, mas cabeça de chacal e uma cauda pontiaguda.

Desta vez, ela não soçobrará.

Mas soçobrou, evidentemente. Foram precisas seis horas, mas ela soçobrou, chorando e gritando à mamã que lhe abrisse a porta e a deixasse sair. A necessidade de urinar era terrível. O Homem Negro sorria-lhe com a sua boca de chacal e os seus olhos escarlates conheciam todos os segredos do sangue feminino.

Uma hora depois de Carrie começar a gritar, a mamã deixou-a sair. Atarantada, Carrie correu para a casa de banho.

Só então, passadas três horas, ali sentada de cabeça baixa como uma penitente, é que se lembrou do medo nos olhos da mamã e pensou que sabia porquê.

Houvera outras vezes em que a mamã a deixara fechada no armário durante um dia inteiro — quando ela roubou um anel de 49 cêntimos no Shuber's Five and Ten, quando a mamã encontrou aquela fotografia do Flash Bobby Pickett debaixo da almofada dela — e uma vez Carrie desmaiara devido à falta de comida e ao cheiro das suas próprias fezes. E nunca, nunca ripostara como fizera nesse dia. Nesse dia, até tinha pronunciado aquela palavra que começava por F. No entanto, a mamã deixara-a sair pouco depois de ela ceder.

Pronto. O vestido estava pronto. Carrie tirou o pé do pedal e levantou-o para o admirar. Era comprido. E feio. Detestava-o.

Ela sabia por que razão a mamã a deixara sair.

— Mamã, posso ir para a cama?

— Podes — respondeu a mamã sem levantar a cabeça do seu naperon.

Ela dobrou o vestido e pendurou-o no braço. Olhou para a máquina de costura. De repente, o pedal baixou-se. A agulha começou a deslocar-se para cima e para baixo, captando a luz em lampejos metálicos. A bobina zumbiu e deu um solavanco. A roda lateral começou a girar.

A mamã levantou a cabeça, com os olhos muito abertos. A laçada na ponta do seu naperon, maravilhosamente elaborada e ao mesmo tempo tão certa e regular, desfez-se de repente.

— É só para tirar a linha — disse Carrie em voz baixa.

— Vai para a cama — disse a mamã num tom ríspido, e o medo regressou ao seu olhar.

— Sim,
(ela tinha medo que eu rebentasse a porta do armário e a
fizesse saltar das dobradiças)
mamã.
(e eu acho que era capaz acho que era capaz sim acho que
era capaz)

De *The Shadow Exploded* (p. 58):

Margaret White nasceu e cresceu em Motton, uma vila que confina com Chamberlain e envia os seus estudantes para os liceus de Chamberlain. Os pais dela viviam relativamente bem; eram donos de um bar noturno próspero, mesmo à saída de Motton, chamado The Jolly Roadhouse. John Brigham, o pai de Margaret, foi morto acidentalmente num tiroteio de bar no verão de 1959.

Margaret Brigham, que tinha quase trinta anos nessa altura, começou a participar em reuniões de oração de índole fundamentalista. A mãe envolvera-se com outro homem (Harold Allison, com quem ela se casou mais tarde) e ambos desejavam ver Margaret de casa para fora — ela considerava que a mãe, Judith, e Harold Allison viviam em pecado e dava a conhecer as suas opiniões com frequência. Judith Brigham esperava que a filha permanecesse solteira toda a vida. Na fraseologia mais pungente do futuro padrasto, «Margaret tinha uma cara que parecia a traseira de um camião-cisterna e um corpo a condizer.» Também costumava chamar-lhe «um pequeno Jesus a rezar».

Margaret recusou-se a sair até 1960, quando conheceu Ralph White numa reunião destinada a despertar

o fervor religioso. Em setembro desse ano, abandonou a residência dos Brigham em Motton e mudou-se para um pequeno apartamento no Chamberlain Center.

O namoro de Margaret Brigham com Ralph White terminou em casamento no dia 23 de março de 1962. A 3 de abril do mesmo ano, Margaret White foi internada no Hospital de Westover Doctors, onde não permaneceu muito tempo.

«Não, ela não nos revelou qual era o problema», afirmou Harold Allison. «A única vez que fomos vê-la, disse-nos que vivíamos em adultério apesar de sermos casados e que iríamos para o Inferno. Disse que Deus tinha feito um sinal invisível na nossa testa, mas que ela conseguia vê-lo. Tinha um comportamento muito estranho, é verdade. A mãe tentou ser simpática, tentou descobrir o que se passava com a filha. Ela ficou histérica e começou a delirar, falou num anjo com uma espada que entraria nos parques de estacionamento dos bares de estrada e mataria os iníquos. Fomo-nos embora.»

No entanto, Judith Allison fazia pelo menos uma ideia do que se passara com a filha; estava convencida de que Margaret fizera um aborto. A ser verdade, o bebé fora concebido fora do casamento. A confirmação desta hipótese lançaria uma luz interessante sobre a personalidade da mãe de Carrie.

Numa carta longa e bastante histérica que escreveu à mãe, com data de 19 de agosto de 1962, Margaret afirmou que ela e Ralph viviam sem pecado, sem a «Maldição das Relações Sexuais». Instou Harold e Judith Allison a encerrarem o seu «antro de iniquidade» e a fazerem o mesmo. «É a húnica [sic] maneira de a senhora e Esse Homem evitarem a Chuva de Sangue que está

para vir. Eu & Ralph, tal como Maria & José, nunca conheceremos nem conspiraremos [sic] a carne um do outro. Se houver descendência, que seja Divina.»

O calendário indica-nos, evidentemente, que Carrie foi concebida mais tarde, nesse mesmo ano...

As raparigas vestiram-se tranquilamente para o período da manhã de segunda-feira. Uma aula de ginástica, sem grosserias nem apupos, e nenhuma delas ficou muito admirada quando a senhora Desjardin abriu a porta do vestiário e entrou. O apito de prata oscilava entre os seus seios reduzidos, e se os calções eram os mesmos que ela trouxera na sexta-feira anterior, não havia vestígios da mão ensanguentada de Carrie.

As raparigas continuaram a vestir-se com um ar taciturno, sem olharem para ela.

— Vocês vão terminar o curso — disse a senhora Desjardin em voz baixa. — Quando é? Daqui a um mês. E o Baile da Primavera ainda é mais cedo. Aposto que já quase todas têm acompanhante e vestido. Sue, tu vais com o Tommy Ross. A Helen, com o Roy Evarts. Chris, calculo que já tenhas escolhido. Quem é o felizardo?

— Billy Nolan — respondeu Chris Hargensen, carrancuda.

— Mas que felizardo! — observou Desjardin. — O que lhe vais oferecer em troca, Chris, um *Kotex* ensanguentado? E que tal se for papel higiénico usado? Sei que estas coisas parecem fazer parte das vossas preferências nos tempos que vão correndo.

Chris corou.

— Vou-me embora. Não sou obrigada a ouvir isso.

A senhora Desjardin não conseguira afastar a imagem de Carrie da sua mente durante todo o fim de semana, Carrie aos

gritos, banhada em lágrimas, com um penso higiénico plasmado mesmo no meio dos pelos púbicos, nem a sua própria reacção desgostosa e indignada.

E nesse momento, quando Chris tentou sair ao passar por ela, a senhora Desjardin estendeu os braços e empurrou-a contra uma fila de cacifos cor de azeitona amolgados ao lado da porta interior. Os olhos de Chris abriram-se muito, com um misto de choque e de incredulidade. Depois, uma raiva doentia espelhou-se-lhe na cara.

— A senhora não nos pode bater! — gritou Chris. — Vai ser despedida por causa disto! Veremos se não vai, sua *cabra!*

As outras raparigas recuaram, sustiveram o fôlego e olharam para o chão. A situação estava a descontrolar-se. Sue viu pelo canto do olho que Mary e Donna Thibodeau estavam de mãos dadas.

— Não me interessa, Hargensen — disse a senhora Desjardin. — Se tu, ou alguma de vós, pensas que estou a agir como professora neste momento, enganas-te redondamente. Só quero que todas saibam que o que fizeram na sexta-feira foi um nojo. Um autêntico nojo.

Chris Hargensen baixou a cabeça, com um risinho trocista. As outras limitaram-se a olhar, com um ar desolado, para a professora de ginástica. Sue deu consigo a observar o compartimento de duche — o local do crime — e desviou rapidamente o olhar. Nunca nenhuma ouvira aquele palavreado a uma professora.

— Alguma de vós se lembrou que a Carrie White tem sentimentos? Alguma de vós pensou *sequer?* Sue? Fern? Helen? Jessica? Alguma? Vocês acham que ela é feia. Pois bem, vocês são todas feias. Foi isso que eu vi na sexta-feira de manhã.

Chris Hargensen dizia qualquer coisa entre dentes sobre o facto de o pai ser advogado.

— *Cala-te!* — gritou-lhe a senhora Desjardin na cara.

Chris encolheu-se tão depressa que deu uma cabeçada nos cacifos atrás dela. Começou a chorar e a esfregar a cabeça.

— Se fizeres mais alguma observação, atiro-te para o outro lado do vestiário. Queres saber se estou a falar a sério? — disse a senhora Desjardin em voz baixa.

Chris, que aparentemente concluía que estava a lidar com uma louca, não disse nada.

A senhora Desjardin pôs as mãos nas ancas.

— A reitoria resolveu castigar-vos. Não é o *meu* castigo, lamentado dizer. A minha ideia era aplicar-vos três dias de suspensão e recusar-vos bilhetes para o baile.

Várias raparigas olharam umas para as outras e resmungaram, desoladas.

— Isso é que vos fazia doer — prosseguiu a senhora Desjardin. — Infelizmente, a administração de Ewen é constituída só por homens. Não creio que eles façam ideia de quão lamentável foi o vosso comportamento. Pois bem. Uma semana de detenção.

Ouviram-se suspiros de alívio espontâneos.

— Mas... Vai ser uma detenção à *minha* maneira. No ginásio. E vou dar cabo de vocês.

— Eu não vou — disse Chris, entre dentes.

— Isso é contigo, Chris. Isso é com todas vós. Mas o castigo por faltarem à detenção será três dias de suspensão e a apreensão dos vossos bilhetes para o baile. Percebem?

Ninguém disse uma palavra.

— Muito bem. Mudem de roupa. E pensem no que eu disse. A senhora Desjardin saiu.

Fez-se um silêncio total durante um momento longo e crispado. Depois, Chris Hargensen disse, com uma voz estridente e histérica:

— Ela não pode fazer isso! — Abriu uma porta ao acaso, tirou um par de ténis e arremessou-os para o outro lado do vestiário. — Vou dar cabo dela! Raios a partam! Raios a partam! Vocês verão se eu não o faço! Se nos unirmos todas, podemos...

— Cala-te, Chris — disse Sue, que ficou chocada ao detetar um tom inerte, adulto, sem vida, na sua voz. — Cala a boca.

— Isto não fica por aqui — disse Chris Hargensen, abrindo o fecho da saia com um gesto brusco e pegando nos calções de ginástica verdes e esfiapados, à moda. — Nem por sombras. E tinha razão.

De *The Shadow Exploded* (pp. 60-61):

Na opinião deste investigador, muitas das pessoas que estudaram o caso de Carrie White — ou para revistas científicas ou para a imprensa popular — deram uma ênfase errada a uma procura relativamente infrutífera de episódios de telecinesia na infância da rapariga. Fazendo uma analogia tosca, é como passar anos a estudar os primeiros episódios de masturbação na infância de um violador.

O incidente espetacular das pedras constitui uma espécie de pista falsa. Muitos investigadores convenceram-se de erradamente que, onde houve um incidente, tem de haver outros. Para dar outro exemplo, isto é como enviar uma equipa de observadores de meteoros para o Parque Nacional das Crateras porque caiu lá um enorme asteroide há dois milhões de anos.

Tanto quanto sei, não há outros exemplos *registados* de telecinesia na infância de Carrie. Se Carrie não fosse

filha única, poderíamos dispor pelo menos de relatos orais de dezenas de outras ocorrências menores.

No caso de Andrea Kolintz (ver história completa no Apêndice II), contaram-nos que, na sequência de uma tarefa por ela ter andar de rastos no telhado, «o armário dos medicamentos escancarou-se, caíram uns frascos ao chão ou saltaram pela casa de banho, abriram-se e fecharam-se várias portas e, no auge da manifestação, um armário com uma aparelhagem estereofónica de 150 quilos tombou e os discos espalharam-se pela sala toda, atingindo os ocupantes e estilhaçando-se contra as paredes.»

É significativo que este relato tenha sido feito por um dos irmãos de Andrea, como foi citado na revista *Life* de 4 de setembro de 1955. A *Life* não é propriamente a fonte mais rigorosa ou incontestável, mas existe muita outra documentação, e creio que ficou provado que a família presenciou os acontecimentos.

No caso de Carrie White, a única testemunha de qualquer prólogo do clímax final foi Margaret White, e ela morreu, evidentemente...

Henry Grayle, o reitor do Liceu de Ewen, estivera à espera dele durante toda a semana, mas o pai de Chris Hargensen só apareceu na sexta-feira, um dia depois de a filha ter faltado ao período de detenção com a formidável senhora Desjardin.

— Sim, menina Fish?

Garyle falou pelo intercomunicador num tom formal, embora visse o homem no gabinete exterior através da janela e já o conhecesse de fotografias publicadas no jornal local.

— John Hargensen para falar consigo, senhor Grayle.

— Mande-o entrar, por favor. — *Raios te partam, Fish, tens de mostrar-te tão impressionada?*

Grayle tinha uma tendência irreprimível para torcer cliques, rasgar guardanapos e dobrar cantos. Para John Hargensen, o jurista mais importante da cidade, reservara a artilharia pesada — uma caixa inteira de cliques grandes no meio do papel mata-borrão da secretária.

Hargensen era um homem alto e impressionante, que se movia com autoconfiança e possuía o tipo de feições seguras e mutáveis que revelavam tratar-se ele de um indivíduo superior no jogo da interação social.

Vestia um fato castanho de Savile Row com uns laivos de verde e dourado ao correr do tecido, que envergonhava o de Grayle comprado na cidade. A pasta era esguia, de couro verdadeiro, com um fecho de aço inoxidável que cintilava. O sorriso era impecável e cheio de dentes tratados — um sorriso que fazia com que os corações das juradas se derretessem como manteiga. O seu aperto de mão era todo ele profissional — firme, quente e prolongado.

— Senhor Grayle. Já há algum tempo que queria conhecê-lo.

— Fico sempre satisfeito quando vejo pais interessados — retorquiu Grayle com um sorriso seco. — É por isso que organizamos sempre a Casa Aberta aos Pais em outubro.

— Com certeza. — Hargensen sorriu. — Calculo que seja uma pessoa ocupada e daqui a quarenta e cinco minutos tenho de estar no tribunal. Vamos ao que interessa?

— Claro. — Grayle enfiou a mão na sua caixa de cliques e começou a mutilar o primeiro. — Desconfio que está aqui por causa da ação disciplinar que movemos contra a sua filha Christine. Deve saber que a política da escola nesta matéria está definida. Como pessoa experiente nos meandros da justiça, deve compreender que não é possível contornar as regras nem...

Hargensen agitou a mão com impaciência.

— Parece que está a interpretar-me mal, senhor Grayle. Estou aqui porque a minha filha foi agredida pela sua professora de ginástica, a senhora Rita Desjardin. E maltratada verbalmente, creio. Suponho que o termo que a senhora Desjardin utilizou em relação à minha filha foi «nojo».

Grayle reprimiu um suspiro.

— A senhora Desjardin foi repreendida.

A temperatura do sorriso de John Hargensen desceu dez graus.

— Receio que uma repreensão não seja suficiente. Creio que este é o primeiro ano de docência da jovem, ah, da senhora...

— É verdade. Considerámos que o desempenho dela é extraordinariamente satisfatório.

— Ao que parece, a sua definição de «extraordinariamente satisfatório» inclui empurrar alunos contra os cacifos e praguejar como um marinheiro.

Grayle defendeu-se:

— Como advogado, deve saber que este estado reconhece à escola o direito de agir *in loco parentis*, ou seja, com total responsabilidade, dispomos de todos os direitos parentais durante o período das aulas. Se não sabe, aconselho-o a consultar o processo Monodock Consolidated School District vs. Cranepool ou...

— Eu conheço o conceito — retorquiu Hargensen. — Também sei que nem o caso Cranepool, que os senhores reitores tanto gostam de citar, nem o caso Frick incluem nada que se pareça com agressões físicas ou verbais. Mas há o caso School District #4 vs. David. Conhece-o?

Grayle conhecia o processo. George Kramer, o vice-reitor do liceu integrado da 14ª Região Escolar, era um aficionado do póquer. George já não jogava muito. Trabalhava numa

companhia de seguros depois de ter chamado a si a tarefa de cortar o cabelo a um aluno. A administração regional escolar fora obrigada a pagar uma indemnização de sete mil dólares, cerca de cem dólares por tesourada.

Grayle começou a entortar outro clipe.

— Não citemos processos um ao outro, senhor Grayle. Somos pessoas de muitos afazeres. Não pretendo ser desagradável. Não quero nenhum escândalo. A minha filha está em casa e lá ficará na segunda e na terça-feira. O que perfará três dias de suspensão. Basta.

Outro gesto de repúdio.

(apanha lindo menino este belo osso)

— Eis o que *eu* pretendo — prosseguiu Hargensen. — Primeiro, bilhetes para a minha filha ir ao baile. Um baile de fim de curso é importante para uma rapariga como ela, e a Chris está muito abatida. Segundo, que o contrato não seja renovado à senhora Desjardin. Isto no que me diz respeito. Estou convencido que, se levar a administração regional escolar a tribunal, poderei conseguir que ela seja despedida e que eu receba uma indemnização avultada. Mas não quero ser vingativo.

— Então o tribunal é a alternativa se eu não concordar com as suas exigências?

— Sei que isso seria antecedido de uma audição com a Comissão da Escola, mas trata-se apenas de uma formalidade. Mas, sim, o resultado prático seria o tribunal. O que seria desagradável para si.

Mais um clipe.

— Por agressões físicas e verbais, não é verdade?

— Essencialmente.

— Senhor Hargensen, sabe que a sua filha e mais umas dez colegas atiraram pensos higiénicos a uma rapariga que teve

o primeiro período menstrual? Uma rapariga convencida de que estava a esvaivar-se em sangue?

Um ligeiro franzir de sobrolho anuviou as feições de Hargensen, como se alguém tivesse falado num gabinete distante.

— Não acredito que essa alegação esteja em causa. Refiro-me a atos cometidos na sequência de...

— Não interessa — disse Grayle. — Não interessa aquilo a que se estava a referir. Chamaram «estúpida» a esta rapariga, Carrie White, disseram-lhe que «o enfiasse» e sujeitaram-na a vários gestos obscenos. Ela nem apareceu na escola esta semana. Não lhe parece que foram agressões físicas e verbais? A mim parece.

— Não tenciono ficar aqui a ouvir um rol de meias-verdades nem o seu sermão de mestre-escola, senhor Grayle. Conheço suficientemente bem a minha filha para...

— Olhe. — Grayle meteu a mão no cesto metálico de entradas que estava ao lado do mata-borrão e atirou um maço de fichas cor-de-rosa para cima da secretária. — Duvido muito que conheça tão bem como julga a sua filha representada nestas fichas. Se a conhecesse, talvez soubesse que é altura de a meter na ordem. Que é altura de chamá-la à razão antes que ela lese alguém com gravidade.

— O senhor não está...

— Ewen, quatro anos. — Grayle ignorou-o. — As notas finais saem a 29 de junho; no próximo mês. Um QI de 140. Uma média de 83. No entanto, verifico que ela foi aceite em Oberlin. Aposto que alguém, talvez o senhor, tem andado a mexer uns cordelinhos. Setenta e quatro detenções registadas. *Vinte* das quais por assédio a alunos inadaptados, acrescento eu. Coisas sem importância. Sei que a clique da Chris lhes chama Mortimer Snerds. Consideram o termo hilariante. Ela faltou a cinquenta e uma dessas detenções registadas. No Liceu Chamberlain

Júnior, uma suspensão por pôr um estalinho dentro do sapato de outra rapariga... Segundo o que foi anotado na ficha, essa pequena travessura ia custando dois dedos do pé a uma rapariga chamada Irma Swope. Sei que Irma Swope tem lábio lep-rino. Estou a falar da sua *filha*, senhor Hargensen. Isto diz-lhe alguma coisa?

— Sim — respondeu Hargensen, levantando-se. Um ligeiro rubor tingira-lhe a face. — Diz-me que o verei em tribunal. E quando eu acabar consigo, terá muita sorte se arranjar emprego a vender enciclopédias porta a porta.

Grayle levantou-se também, furioso, e os dois homens olharam um para o outro, separados pela secretária.

— Que seja o tribunal, então — disse Grayle.

Detetou uma certa surpresa na expressão de Hargensen e avançou para o que esperava ser o golpe final, ou pelo menos um *knock-out* técnico que salvasse o posto de trabalho da senhora Desjardin e fizesse aquele filho da mãe todo empertigado baixar a bola.

— Parece que ainda não percebeu todas as implicações do *in loco parentis* neste caso, senhor Hargensen. Aplicam-se à sua filha as mesmas regras que abrangem a Carrie White. E assim que o senhor nos processar por perdas e danos com base em agressões físicas e verbais, moveremos um processo à sua filha pelos mesmos motivos em nome da Carrie White.

A boca de Hargensen abriu-se e depois fechou-se.

— O senhor não conseguirá safar-se com um truque tão baixo, seu...

— Advogado de opereta? É a expressão que procurava? — Grayle esboçou um sorriso inflexível. — Creio que sabe por onde pode sair, senhor Hargensen. As sanções contra a sua filha mantêm-se. Se quiser levar o caso mais além, está no seu direito.

Hirto, Hargensen atravessou o gabinete, parou como se fosse acrescentar alguma coisa e depois saiu, reprimindo a custo a satisfação de bater com a porta.

Grayle respirou fundo. Não era difícil perceber onde Chris Hargensen fora buscar a sua teimosia rebelde.

A. P. Morton entrou um minuto depois.

— Como correu?

— O tempo dirá, Morty — respondeu Grayle. Fazendo uma careta, olhou para o monte de cliques retorcidos. — Em todo o caso, o homem custou-me sete cliques. Bateu uma espécie de recorde.

— Ele vai mover um processo cível?

— Não sei. Ficou abalado quando eu disse que também os processaríamos.

— Aposto que sim. — Morton olhou para o telefone em cima da secretária de Grayle. — Chegou a altura de darmos conhecimento deste monte de lixo ao superintendente, não acha?

— Acho — respondeu Grayle, pegando no telefone. — Ainda bem que o meu seguro de desemprego está pago.

— Também o meu — disse Morton, numa demonstração de lealdade.

De *The Shadow Exploded* (Apêndice III):

Carietta White passou num teste de poesia do sétimo ano com a pequena estrofe que se segue. Edward King, o professor de Inglês de Carrie, afirma: «Não sei porque o aceitei. Não a considero uma aluna superior, nem este é um poema superior. Ela é muito calada e não me recordo de a ter visto levantar o braço uma única vez na aula. Mas há algo nisto que me pareceu uma súplica.»

Jesus observa-me da parede,
Mas os seus olhos frios como pedra são,
E se ele me ama
Como ela me diz
Porque sinto uma tão grande solidão?

A margem da folha em que este pequeno verso foi escrito está enfeitada com muitas figuras cruciformes que quase parecem dançar...

Na segunda-feira à tarde, Tommy estava no treino de basebol e Sue foi esperá-lo para a Kelly Fruit Company, no Centro.

A Kelly Fruit era a coisa mais próxima de um ponto de encontro de alunos do liceu de que a pequena comunidade de Chamberlain se podia orgulhar, desde que o xerife Doyle tinha encerrado a discoteca na sequência de uma grande rusga destinada a apreender droga. Era gerida por um homem gordo e casmurro chamado Hubert Kelly, que pintava o cabelo de preto e se queixava constantemente de que estava prestes a morrer eletrocutado pelo seu *pacemaker*.

O estabelecimento era simultaneamente uma mercearia, um bar onde se vendiam refrigerantes e um posto de abastecimento de combustível — havia uma bomba de gasolina Jenny ferrugenta mesmo à frente, que Hubie nunca se dera ao trabalho de substituir quando se efetuara a fusão. Hubie também vendia cerveja, vinho barato, livros encardidos e uma vasta seleção de cigarros pouco conhecidos, como Murads, King Sano e Marvel Straights.

O bar resumia-se a um tampo de mármore verdadeiro e quatro ou cinco bancos altos destinados a miúdos infelizes ou sem amigos que não dispunham de outro sítio para se

embebedarem ou drogarem. Uma máquina de *pinball* antiga que se inclinava sempre na terceira bola acendia e apagava as luzes nas traseiras, ao lado da estante de livros encardidos.

Quando Sue entrou, avistou imediatamente Chris Hargensen. Estava sentada num dos bancos de trás, a folhear o número mais recente da *Popular Mechanics* que encontrara na prateleira das revistas. Sue não percebia o que uma rapariga rica e Popular como Chris via em Nolan, um rapaz estranho que parecia ter viajado no tempo e recuado aos anos de 1950, com o cabelo untado de gel, um blusão de couro preto com fecho de correr e pedras incrustadas e um *Chevrolet* cheio de tubos borbulhantes.

— Sue! — exclamou Chris. — Anda para aqui!

Sue fez um sinal de aquiescência e levantou a mão, apesar de o desagrado lhe crescer na garganta como uma cobra de papel. Encarar Chris equivalia a espreitar por uma porta entreaberta para um sítio no qual Carrie White estava de cócoras, com as mãos em cima da cabeça. Como era de prever, concluiu que a sua própria hipocrisia (patente no gesto de cabeça e no aceno) era incompreensível e chocante. Porque não conseguia pura e simplesmente riscá-la do mapa?

— Uma cerveja-de-raiz de 10 cêntimos — pediu ela a Hubie.

Hubie vendia cerveja-de-raiz verdadeira e servia-a em canecas enormes e embaciadas dos anos 1890. Há muito tempo que Sue pensava em saborear uma das grandes enquanto lia um romance de cordel e esperava por Tommy — apesar dos estragos que a cerveja-de-raiz lhe provocavam na pele, tornara-se dependente dela. Mas não ficou admirada ao aperceber-se de que perdera a vontade de a beber.

— Como vai o seu coração, Hubie? — perguntou Sue.

— Vocês, miúdos — disse Hubie, tirando a cápsula com uma faca de cozinha e enchendo a caneca pelo caminho. — Vocês

não percebem nada. Esta manhã, liguei a máquina de barbear e apanhei um choque de 110 *volts* por causa deste *pacemaker*. Vocês, miúdos, não sabem como é, pois não?

— Acho que não.

— Pois não. Estão proibidos pelos médicos. Durante quanto tempo é que a minha velha máquina conseguirá aguentar isto? Mas vão saber quando eu bater a bota e aqueles patetas da requalificação urbana transformarem isto num parque de estacionamento. São 10 cêntimos.

Sue empurrou a sua moeda de 10 cêntimos em cima do tampo de mármore.

— Cinquenta milhões de *volts* em cheio nos velhos tubos — disse Hubie com um ar soturno e olhou para a pequena saliência na algibeira da camisa.

Sue mudou de sítio e sentou-se à cautela no banco vago ao lado de Chris. Estava excecionalmente bonita, com o cabelo preto apanhado com uma fita verde-trevo e uma blusa basca justa que lhe acentuava os seios firmes e empinados.

— Como estás, Chris?

— Ótima — respondeu Chris, com um entusiasmo excessivo. — Já sabes a última? Não posso ir ao baile. Mas aposto que aquele sacana do Grayle vai perder o emprego.

Sue já *sabia* a última. Como toda a gente em Ewen.

— O meu pai vai processá-los — acrescentou Chris.

Depois, gritou, por cima do ombro:

— *Billeee!* Anda cá falar à Sue.

O rapaz largou a revista e aproximou-se, com os polegares enfiados no cinto à militar e os outros dedos a balouçar na direção do gancho recheado das suas *Levis* enfeitadas com tachas. Sue sentiu-se invadida por uma onda de irrealidade e refreou-se para não cobrir a cara com as mãos e rir-se à gargalhada.

— Olá, Suze — disse Billy. Sentou-se ao lado de Chris e começou de imediato a massajar-lhe o ombro. O seu rosto era completamente inexpressivo. Era como se estivesse a provar um naco de carne.

— De qualquer modo, acho que vamos entrar à força no baile — disse Chris. — Como forma de protesto.

— Achas isso bem? — Sue ficou verdadeiramente assustada.

— Não — respondeu Chris, ignorando a reação da colega. — Não sei. — De repente, o seu rosto contorceu-se numa expressão de raiva, tão abrupta e surpreendente como a espiral de um tornado. — Aquela maldita Carrie White! Quem me dera que ela enfiasse aquela maldita beatice pelo cu acima!

— Hás de ultrapassar isto — disse Sue.

— Se ao menos vocês tivessem saído comigo... Céus, Susie, porque não saíste? Tínhamos tramado aqueles gajos. Nunca imaginei que vocês se deixassem manipular pelo sistema.

Sue sentiu-se corar.

— Não posso falar por mais ninguém, mas eu não me deixei manipular pelo sistema. Aceitei o castigo porque achei que o merecia. Fizemos uma coisa repugnante. Ponto final.

— Tretas. Aquela puta da Carrie anda por aí a dizer que toda a gente vai para o inferno exceto ela e a sua mamã de ouro e tu consegues tomar o partido dela? Devíamos ter-lhe enfiado aqueles farrapos todos pela boca abaixo.

— Claro. Pois. Até logo, Chris.

Sue desceu do banco.

Desta vez foi Chris quem corou; o sangue subiu-lhe de repente à cara, como se uma nuvem vermelha tivesse passado por cima de um qualquer sol interior.

— Não me digas que estás a tornar-te a Joana d'Arc cá da terra! Não me esqueço que estiveste ali a atacá-la ao nosso lado.

— Pois estive — reconheceu Sue, a tremer. — Mas depois calei-me.

— Ora vejam só! — admirou-se Chris. — Francamente! Leva a tua cerveja. Não vá eu tocar-lhe e transformá-la em ouro.

Sue não levou a cerveja. Deu meia-volta e afastou-se, quase a cambalear. Sentia-se muito perturbada, demasiado para verter sequer uma lágrima de raiva. Era uma rapariga que não fazia ondas, e aquela fora a primeira briga em que se envolvera, física ou verbal, desde os tempos em que andava na escola primária e as meninas puxavam o rabo de cavalo umas às outras. E fora a primeira vez na sua vida que defendera um Princípio de forma ativa.

E, claro, Chris tocara-lhe no sítio certo, atingira-a exatamente no ponto em que ela era mais vulnerável: *estava* a ser uma hipócrita, isso parecia incontornável e, no íntimo, embora detestasse pensar no assunto, sabia que um dos motivos pelos quais comparecera à aula de calistenia e de corridas extenuantes à volta do ginásio da senhora Desjardin não tinha nada a ver com nobreza de carácter. Não perderia o seu último Baile da Primavera por nada. Por *nada* neste mundo.

Tommy não se via em parte nenhuma.

Sue começou a dirigir-se para o liceu, com o estômago às voltas. A Freirazinha. Suzy Queijo-creme. A menina bem-comportada que só faz Aquilo com o rapaz que tenciona desposar — com a devida cobertura suplementar de domingo, evidentemente. Dois filhos. Que desancará se eles derem sinais de sinceridade: fornicarem, brigarem ou se recusarem a sorrir sempre que algum superior mítico lhes gritar.

O Baile da Primavera. O vestido azul. O ramo de flores toda a tarde no frigorífico. Tommy de *smoking* branco, faixa, calças pretas, sapatos pretos. Os pais a tirarem fotografias em pose

junto do sofá da sala com *Kodaks* e *Polaroids*. O papel crepe as mascarar as traves possantes do ginásio. Duas bandas: uma *rock* e outra de música melosa. Nada de gente supérflua. Mortimer Snerd, sai, por favor. Só aspirantes a membros do *country club* e a futuros residentes de Kleen Korner.

Por fim, as lágrimas chegaram e ela desatou a correr.

De *The Shadow Exploded* (p. 60)

O excerto que se segue é de uma carta que Christine Hargensen escreveu a Donna Kellogg. A jovem Kellogg mudou-se de Chamberlain para Providence, Rhode Island, no outono de 1978. Aparentemente, era uma das poucas amigas íntimas de Chris Hargensen e sua confidente. A carta tem o carimbo dos correios de 17 de maio de 1979:

«Portanto, fui excluída do Baile e o cobardola do meu pai diz que não lhes dará o que eles merecem. Mas não vão ficar impunes. Ainda não sei exatamente o que vou fazer, mas garanto-te que todos vão ter uma grande surpresa...»

Era dia 17. Dezassete de maio. Ela assinalou-o com uma cruz no calendário que tinha no quarto assim que vestiu a camisa de noite branca até aos pés. Fazia uma cruz sobre todos os dias que iam passando com uma pesada caneta de feltro preta, o que, na sua opinião, revelava uma atitude muito má perante a vida. A verdade era que não se importava. A única coisa que lhe interessava era saber se a mamã iria obrigá-la a voltar para o liceu no dia seguinte e a enfrentá-Las todas.

Sentou-se na pequena cadeira de baloiço Boston (comprada e paga com o seu próprio dinheiro) ao lado da janela, fechou os olhos e varreu-As todas da sua mente, elas e todos os seus pensamentos conscientes. Era como se varresse o chão. Como se levantasse a carpete do seu subconsciente e empurrasse o lixo todo lá para baixo. Adeus.

Abriu os olhos. Olhou para a escova de cabelo que estava em cima da cómoda.

Ceder.

Pegou na escova. Era pesada. Era como içar um barbo com uns braços muito fracos. Oh. Resmungou.

A escova de cabelo escorregou para a beira da cómoda, passou pelo ponto em que a gravidade a devia ter deixado cair e depois balouçou, como se estivesse suspensa de um fio invisível. Carrie semicerrou os olhos. Sentiu as veias a pulsar nas têmporas. Talvez um médico se interessasse por aquilo que o seu corpo fazia nesse momento; não era lógico. O ritmo respiratório baixara. A tensão arterial subira para 190/100. O ritmo cardíaco aumentara para 140 — superior ao dos astronautas sujeitos à pesada força da gravidade da descolagem. A temperatura descera para 29,4°. O seu corpo queimava energia que parecia vir de parte nenhuma nem ir para lado nenhum. Um eletroencefalograma teria revelado ondas alfa que já não eram ondas nenhuma, mas picos grandes e recortados.

Deixou que a escova pousasse com cuidado. Ótimo. Na noite anterior, deixara-a cair. Perdes os pontos todos. Vais para a prisão.

Fechou os olhos outra vez e balouçou-se na cadeira. As funções físicas começaram a voltar à normalidade: o ritmo respiratório acelerou-se até ela ficar quase sem fôlego. A cadeira de balouço chiava um pouco. Mas isso não a incomodava. Era calmanete. Balouça, balouça. Esvazia a tua mente.

— Carrie?

A voz da mãe, ligeiramente alterada, elevou-se no ar, a flutuar.

(ela está a sentir interferências como o rádio quando ligamos a misturadora ótimo ótimo)

— Fizeste as tuas orações, Carrie?

— Estou a fazê-las — respondeu ela.

Sim. Estava a fazê-las, sem dúvida.

Olhou para a sua pequena cama de estúdio.

Ceder.

Um peso tremendo. Enorme. Insuportável.

A cama estremeceu e em seguida a extremidade subiu talvez uns sete centímetros e meio.

Caiu com estrondo. Ela ficou à espera, com um sorrisinho nos lábios, que a mamã gritasse lá para cima, zangada. Não o fez. Então, Carrie levantou-se, foi para a cama e deixou-se escorregar no meio dos lençóis frios. Doía-lhe a cabeça e sentia-se tonta, como acontecia sempre depois destes exercícios. O seu coração pulsava de uma maneira feroz, assustadora.

Ela estendeu o braço, apagou a luz e ficou deitada de costas. Sem almofada. A mamã não a deixava usar almofada.

Pensou em diabretes e quejandos e em bruxas

(eu sou uma bruxa a mamã é a meretriz do diabo)

a cavalgar na noite, a azedar o leite, a entornar batedeiras de manteiga, a empestar as culturas enquanto Elas se acotovavam nas suas casas, cujas portas estavam assinaladas com um X.

Fechou os olhos, dormiu e sonhou com pedras vivas, enormes, que atravessavam a noite, à procura da mamã, à procura Delas. Elas tentavam fugir, tentavam esconder-se. Mas o rochedo não as escondia; a árvore morta não as abrigava.

De *My Name is Susan Snell*, de Susan Snell (Nova Iorque, Simon & Schuster, 1986, pp. I-IV:

Houve uma coisa que ninguém compreendeu em relação ao que aconteceu em Chamberlain, na Noite do Baile. A imprensa não compreendeu, os cientistas da Universidade de Duke não compreenderam, David Congress não compreendeu — embora *The Shadow Exploded* seja talvez o único livro mais ou menos decente que alguém escreveu sobre o assunto — e a Comissão White, que se serviu de mim como bode expiatório porque lhe dava jeito, não compreendeu.

Essa coisa é o facto mais importante: Nós éramos miúdos.

A Carrie tinha dezassete anos, a Chris Hargensen tinha dezassete, eu tinha dezassete, o Tommy Ross tinha dezoito, o Billy Nolan (que repetiu o nono ano, presumivelmente antes de aprender a usar os punhos durante os exames) tinha dezanove...

Os miúdos mais velhos reagem de uma maneira socialmente mais aceitável do que os mais novos, mas mesmo assim têm uma propensão para tomar más decisões, para reagir com exagero, para subestimar as situações.

No primeiro capítulo que se segue a esta introdução, tenho de revelar essas tendências em mim própria da melhor maneira que souber. Todavia, o assunto de que vou falar está na génese do meu envolvimento na Noite do Baile, e, se quiser limpar o meu nome, terei de

começar por recordar cenas que considero particularmente penosas...

Já contei esta história, com maior notoriedade no âmbito da Comissão White, que a recebeu com incredulidade. Na sequência de duzentas mortes e da destruição de uma cidade inteira, é tão fácil esquecer uma coisa: Nós éramos miúdos. Éramos miúdos. Éramos miúdos que tentávamos fazer o nosso melhor...

— Deves estar doida.

O rapaz pestanejou, sem querer acreditar no que tinha acabado de ouvir. Encontravam-se em casa dele, e a televisão estava ligada embora ninguém lhe prestasse atenção. A mãe tinha ido visitar a senhora Klein, que morava do outro lado da rua. O pai estava na oficina da cave, a construir uma gaiola.

Sue parecia pouco à vontade mas determinada.

— É assim que eu quero, Tommy.

— Pois bem, não é assim que eu quero. Acho que é a coisa mais tresloucada que ouvi até hoje. Parece uma aposta.

O rosto dela crispou-se.

— Ai sim? Julguei que tu é que tinhas feito os grandes discursos na outra noite. Mas quando se trata de dares o corpo ao manifesto...

— Espera, calma. — Ele não ficou ofendido e sorriu.

— Eu não disse que não, pois não? Pelo menos por enquanto.

— Tu...

— Espera. Espera aí. Deixa-me falar. Queres que eu peça à Carrie White para ir ao Baile da Primavera. Está bem. Já percebi. Mas há duas coisas que não compreendo.

— Diz-me quais são.

Sue inclinou-se para a frente.

— Primeiro, de que serviria isso? E segundo, o que te leva a pensar que ela diria que sim se eu lhe pedisse?

— Não dizia que sim! Ora... — Sue ficou atrapalhada.
— Tu és... toda a gente gosta de ti e...

— Ambos sabemos que a Carrie não tem motivo nenhum para se interessar muito por pessoas de quem toda a gente gosta.

— Ela iria contigo.

— Porquê?

Pressionada, Sue fez um ar de desafio e de orgulho ao mesmo tempo.

— Tenho reparado na maneira como ela olha para ti. Tem um fraquinho por ti. Como metade das raparigas em Ewen.

Ele revirou os olhos.

— Bem, estou a dizer-te — disse Sue, na defensiva. — Ela não seria capaz de dizer que não.

— Supõe que acredito no que estás a dizer. E quanto ao resto? — perguntou ele.

— Sabes para que serviria? Ora... Fá-la-ia sair da sua concha, naturalmente. Fá-la-ia... — Sue calou-se.

— Participar no que a rodeia? Vá lá, Suze. Tu não acreditas nessas tretas.

— Está bem — disse ela. — Talvez eu não acredite. Mas talvez continue a pensar que tenho de pagar por alguma coisa.

— Pelo que se passou no balneário?

— Por muito mais do que isso. Talvez se fosse só isso eu deixasse passar, mas as partidas maldosas vêm do tempo da escola primária. Houve muitas em que não participei, mas envolvi-me em algumas. Se eu pertencesse aos grupos da Carrie, aposto que teria participado ainda em mais. Parecia... Oh, deixa-me rir. As raparigas sabem ser umas pestes nestas coisas e os rapazes não compreendem. Os rapazes moíam o juízo à Carrie durante algum tempo e depois esqueciam-se, mas as

raparigas... aquilo continuou, continuou e já nem lembro por onde começou. Se eu fosse a Carrie, nem sequer conseguia encarar ninguém. Procurava uma grande rocha e escondia-me debaixo dela.

— Vocês eram crianças — disse ele. — As crianças não sabem o que fazem. As crianças nem sequer sabem que as suas reações, de facto, magoam os outros. Não têm, hum, empatia. Percebes?

Sue deu consigo a tentar exprimir o pensamento que estas palavras despertaram nela, porque de repente pareceu-lhe elementar passar por cima do incidente no balneário tal como o céu passava por cima das montanhas.

— Mas dificilmente *alguém* reconhece que os seus atos magoam, de facto, os outros! As pessoas não se tornam melhores, tornam-se apenas mais espertas. Quando te tornas mais esperto, não deixas de arrancar as asas à moscas, pensas em motivos melhores para o fazeres. Muitos miúdos dizem que têm pena da Carrie White, sobretudo raparigas, o que me dá vontade de rir, mas aposto que nenhum sabe o que significa *ser* a Carrie White, nem por um momento. E não se importam.

— E tu importas-te?

— Não sei! — exclamou ela. — Mas alguém tem de tentar e ter pena de uma maneira que seja importante... de uma maneira que tenha um significado.

— Está bem. Vou pedir-lhe que vá comigo.

— Vais?

A reação dela foi de surpresa. Nunca pensara que ele fosse capaz de tal coisa.

— Vou. Mas acho que ela dirá que não. Sobrestimaste o meu encanto pessoal. Essa coisa da popularidade é conversa fiada. Meteste isso na cabeça.

— Obrigado — disse Sue, e esta palavra pareceu-lhe estranha, como se ela tivesse agradecido um Inquisidor a tortura que lhe infligira.

— Amo-te — disse ele.

Sue olhou para ele, estupefacta. Fora a primeira vez que ele dissera tal coisa.

De My Name Is Susan Snell (p. 6):

Há muita gente, sobretudo homens, que não fica admirada por eu ter pedido ao Tommy que levasse a Carrie ao Baile da Primavera. O que surpreende as pessoas é que ele o tenha feito, o que revela que as mentes masculinas esperam muito pouco, em termos de altruísmo, dos seus congéneres.

Tommy levou-a porque me amava e porque era essa a minha vontade. Como é que sabes que ele te amava?, pergunta o cético de serviço. Porque ele mo disse, cavalheiro. E se o tivesse conhecido, também haveria lucrado com isso...

Tommy fez-lhe o pedido na quinta-feira, depois do almoço, e descobriu que estava nervoso como um miúdo que se preparava para ir à sua primeira festa.

Carrie estava sentada a quatro filas dele na sala de estudo do quinto tempo, e quando aquilo acabou ele dirigiu-se a ela, abrindo caminho entre os corpos que se precipitavam para a saída. À secretária do professor, o senhor Stephens, um homem alto que começava a engordar, dobrava documentos com um ar distraído e guardava-os na sua pasta castanha já ratada.

— Carrie?

— Ohum?

Carrie levantou a cabeça, sobressaltada, como se esperasse que lhe batessem. O dia estava encoberto e as luzes fluorescentes encaixadas no teto não eram particularmente amáveis para a sua pele clara. Mas Tommy reparou pela primeira vez (porque era a primeira vez que via com olhos de ver) que ela estava longe de ser repulsiva. Tinha um rosto arredondado e não oval e os olhos eram tão escuros que pareciam projetar sombras nas pálpebras inferiores, semelhantes a nódoas negras. O cabelo era louro-escuro, ligeiramente frisado, penteado para trás e apanhado num carrapito que não a favorecia. Os lábios eram cheios, quase lascivos e os dentes de uma brancura natural. O corpo, na sua maior parte, era indefinido. Uma camisola larga ocultava-lhe os seios, reduzindo-os a saliências indistintas. A saia era colorida, mas também horrível: dava-lhe pelo meio da canela, à moda de 1958, e caía-lhe num A estranho e desengaçado. As barrigas das pernas eram fortes, torneadas (a tentativa de escondê-las com meias até ao joelho cor de urze era bizarra mas não atingia o objetivo) e elegantes.

Carrie fitou-o com uma expressão um pouco receosa, um pouco mais alguma coisa. Tommy tinha a certeza que sabia o que era essa mais alguma coisa. Sue tinha razão e, como tal, ele só teve tempo de perguntar a si próprio se estaria a ser amável ou a agravar ainda mais a situação.

— Se não tiveres companhia para o Baile, queres ir comigo?

Ela pestanejou e, ao fazê-lo, aconteceu uma coisa estranha. Podia não ter durado mais de um segundo, mas mais tarde Tommy não teve dificuldade em recordá-la, como acontecia com os sonhos ou com uma sensação de *déjà vu*. Sentiu um atordoamento, como se a sua mente já não controlasse o seu

corpo — a sensação lamentável e descontrolada que ele associava ao excesso de bebida e ao vômito posterior.

Depois, desapareceu.

— O quê? O quê?

Ela não se zangou, pelo menos. Ele estava à espera de um breve acesso de fúria seguido de retraimento total. Mas ela não se zangou; mostrou-se incapaz de enfrentar o que ele tinha dito. Nesse momento, estavam os dois sozinhos na sala de estudo, precisamente entre o fluxo dos antigos alunos e o refluxo dos novos.

— O Baile da Primavera — disse ele, um pouco abalado. — É na próxima sexta-feira e sei que já venho atrasado mas...

— Não gosto que me preguem partidas — respondeu ela em voz baixa e baixou a cabeça. Hesitou por um segundo e depois passou por ele. Parou e virou-se, e de repente Tommy viu dignidade nela, algo tão natural que duvidava que Carrie tivesse consciência disso. — Vocês julgam que podem continuar a pregar-me partidas eternamente? Sei com quem andas.

— Não ando com ninguém contra a minha vontade — respondeu Tommy, paciente. — Estou a fazer-te a pergunta porque quero. — Em última análise, ele sabia que isto era verdade. Se Sue estava a expiar alguma coisa, a verdade é que o fazia por interposta pessoa.

Os alunos do sexto tempo começaram a entrar nesse momento e alguns olharam para eles com curiosidade. Dale Ullman disse qualquer coisa a um miúdo que Tommy não conhecia e ambos esboçaram um sorriso trocista.

— Anda — disse Tommy.

Foram ambos para o corredor.

Iam a meio caminho da Ala Quatro — a sala de aula dele ficava do outro lado — um ao lado do outro mas talvez só por acaso, quando ela lhe disse, num tom de voz quase inaudível:

— Eu adorava. Adorava.

Ele conseguiu perceber que estas palavras não constituíam uma aceitação, e a dúvida assaltou-o outra vez. Mesmo assim, respondeu:

— Então, aceita. Vai correr tudo bem. Aos dois. Encarregar-nos-emos disso.

— Não — respondeu ela, e o seu súbito ar pensativo poderia confundir-se com beleza. — Seria um pesadelo.

— Não tenho bilhetes — disse ele, como se não a tivesse ouvido. — Hoje é o último dia em que estão à venda.

— Ó Tommy, enganaste-te no caminho! — gritou Brent Gillian.

Ela parou.

— Vais chegar atrasado.

— Aceitas?

— A tua aula — disse ela, distraída. — A tua aula. A campanha vai tocar.

— Aceitas?

— Sim — respondeu ela, com um misto de raiva e de impotência. — Tu sabias que eu aceitaria.

Carrie esfregou os olhos com as costas da mão.

— Não — disse ele. — Mas agora sei. Vou buscar-te às sete e meia.

— Está bem — respondeu ela em surdina, como se estivesse à beira do desmaio.

E depois, mais inseguro do que nunca, ele tocou-lhe na mão.

De *The Shadow Exploded* (pp. 74-76):

Talvez nenhum outro aspeto do caso de Carrie White tenha sido tão mal compreendido, alvo de conjeturas e envolvido em mistério como o papel desempenhado

por Thomas Everett Ross, o malfadado acompanhante de Carrie no Baile da Primavera do Liceu Ewen.

Morton Cratzchbarken, numa comunicação assumidamente sensacionalista apresentada no Colóquio Nacional sobre Fenómenos Psíquicos do ano passado, afirmou que os dois acontecimentos mais surpreendentes do século XX foram o assassinio do John F. Kennedy em 1963 e a destruição que ocorreu em Chamberlain, Maine, em maio de 1979. Cratzchbarken assinala que os dois acontecimentos foram repisados junto da opinião pública pelos meios de comunicação social e provaram à saciedade um facto assustador: apesar de uma coisa ter acabado, houve outra que se pôs irrevogavelmente em movimento, para o bem ou para o mal. Se me é permitido comparar, Thomas Ross desempenhou o papel de um Lee Harvey Oswald — o homem que desencadeou uma catástrofe. A pergunta que subsiste é a seguinte: Ele fê-lo conscientemente ou não?

Susan Snell, como ela própria admitiu, era para ter sido acompanhada por Ross ao baile anual. Afirma que sugeriu a Ross que levasse Carrie para se redimir da participação que tivera no incidente do balneário. Aqueles que se opõem a esta versão, liderados ultimamente por George Jerome, de Harvard, argumentam que isto é uma distorção com um forte cunho romântico ou uma redonda mentira. Jerome defende com grande força e eloquência que não é uma característica dos adolescentes sentirem que têm de se «redimir» seja do que for, sobretudo de uma ofensa contra um colega que foi ostracizado por fações existentes.

«Seria animador se pudéssemos acreditar que a natureza humana na adolescência é capaz de salvar o amor-próprio

e a autoimagem dos que ocupam um lugar inferior na hierarquia social com um gesto como este», afirmou Jerome num número recente de *The Atlantic Monthly*, «mas sabemos que não é assim. O elemento desfavorecido não é ternamente retirado da lama pelos seus companheiros; pelo contrário, é dispensado prontamente e sem dó nem piedade.»

Jerome tem toda a razão, evidentemente — em relação aos ostracizados, sejam eles quais forem — e de certo a sua eloquência é responsável, em larga medida, pelo avanço da teoria do «brincalhão que faz humor à custa de alguém», que a Comissão White aflorou mas não enunciou. Segundo esta teoria, Ross e Christine Hargensen (ver pp. 10-18) estariam no centro de uma conspiração para atrair Carrie White ao Baile da Primavera e, deste modo, completar a sua humilhação. Alguns teóricos (sobretudo criminologistas) também afirmam que Sue Snell teve um papel ativo na conspiração. Isto deixa o misterioso senhor Ross muito malvisto, na pele de um brincalhão que manobrou deliberadamente uma rapariga instável com o objetivo de lhe criar uma situação de stress extremo.

O autor não considera que isto seja provável, dada a personalidade do senhor Ross. Trata-se de uma faceta que permaneceu em grande parte inexplorada pelos seus detratores, que o desprezaram como um atleta centrado na sua facção e bastante monótono; a expressão «craque bronco» exprime na perfeição esta interpretação de Tommy Ross.

É verdade que Ross era um atleta com capacidades acima da média. O seu melhor desporto era o baseball e integrava a equipa principal de Ewen desde o segundo

ano. Dick O'Connell, diretor-geral dos Red Sox de Boston, esclareceu que Ross iria receber uma proposta muito compensadora para assinar um contrato, se tivesse sobrevivido.

Mas Ross também era um estudante de primeira água (o que dificilmente se coadunava com a imagem de «craque bronco»), e, segundo os pais afirmaram, havia decidido que o baseball teria de esperar que ele acabasse a faculdade, onde tencionava formar-se em literatura inglesa. Fazia parte dos seus interesses escrever poesia, e um poema composto seis meses antes da sua morte foi publicado numa pequena revista chamada *Overleaf*. Isto consta igualmente do Apêndice V.

Os seus colegas de turma que sobreviveram também lhe dão notas altas, o que é significativo. Houve apenas doze sobreviventes daquela que ficou conhecida na imprensa popular por «Noite do Baile». Os que não compareceram foram em grande parte os elementos populares das turmas dos mais novos e dos mais velhos. Se estes «excluídos» recordam Ross como um colega simpático e bem-disposto (muitos referiram-se a ele como «um gajo com bom coração»), isto não contraria a tese do professor Jerome?

A caderneta escolar de Ross — que, segundo as leis do estado, não pode ser reproduzida aqui — quando analisada em conjunto com as recordações dos colegas de turma e os comentários de parentes, vizinhos e professores, pinta um quadro de um jovem extraordinário. É um facto que se conjuga muito mal com a imagem fornecida pelo professor Jerome, segundo a qual ele seria um jovem astuto e irredutível que venerava os seus pares. Aparentemente, era muito tolerante para com as

ofensas verbais e suficientemente independente do seu grupo de colegas para pedir a Carrie que o acompanhasse. Aliás, Thomas Ross parece ter sido uma espécie de raridade: um jovem com consciência social.

Não me pronunciarei aqui sobre a sua santidade. Não há nada a dizer. Mas uma investigação intensiva permitiu-me concluir que ele também não era um cobarde que se associasse inconscientemente à destruição de um membro mais fraco...

Ela estava deitada

(não tenho medo não tenho medo dela)

em cima da cama, com um braço por cima dos olhos. Era sábado à noite. Se fizesse o vestido que tinha em mente, seria imperioso começar no dia seguinte, o

(não tenho medo da mamã)

mais tardar. Já tinha comprado o tecido no John's, em Westover. O peso e a consistência aveludada assustavam-na. O preço também a assustara; e sentira-se intimidada pelo tamanho do estabelecimento, onde as senhoras chiques se passeavam de um lado para o outro com vestidos leves e primaverais, examinando peças de tecido. Havia um estranho eco no ambiente, que ficava a milhas do Woolworth's de Chamberlain, onde ela costumava comprar o material de que necessitava.

Sentiu-se intimidada mas não parou. Porque, se quisesse, faria com que todas elas fugissem para a rua, aos gritos. Manequins a tombar, candeeiros a cair, peças de tecido a atravessarem o ar aos ziguezagues. Como Sansão no templo, ela podia semear a destruição nas cabeças delas, se lhe apetiesse.

(não tenho medo)

O embrulho estava escondido numa prateleira enxuta da cave, e ela ia trazê-lo para cima. Nessa noite.

Abriu os olhos.

Ceder.

A cômoda levantou-se no ar, estremeceu por um momento e depois subiu quase até ao teto. Ela fê-la descer. Fê-la subir. Fê-la descer. Agora era a cama, com ela em cima e tudo. Para cima. Para baixo. Para cima. Para baixo. Exatamente como um elevador.

Não se sentia nada cansada. Bem, um pouco. Não muito. A capacidade, quase perdida havia duas semanas, atingira o auge. Progredira a uma velocidade que era...

Bem, quase assustadora.

E agora, com uma aparente espontaneidade — como o conhecimento da menstruação — chegara uma série de recordações, como se uma barragem mental tivesse sido destruída para que estranhas águas pudessem jorrar. Eram recordações nebulosas, distorcidas e pueris, mas muito reais. Faziam dançar os quadros nas paredes; abriam as torneiras da água à distância; a mamã pedia-lhe

(Carrie fecha as janelas vai chover)

para fazer alguma coisa e de repente as janelas começavam a bater em toda a casa; mimoseavam a senhora Macaferty com quatro furos ao mesmo tempo, desatarrachando as válvulas dos pneus do seu *Volkswagen*; as pedras...

(!!!!!!! não não não não não!!!!!!!)

... mas agora não era possível negar a recordação, tal como também não era possível negar o fluxo mensal, e essa recordação não era nebulosa, não, *essa* não; era intensa e brilhante, como raios durante uma trovoadas: a menina

(mamã pare mamã não faça isso não consigo respirar oh a minha garganta oh mamã desculpe eu ter olhado mamã oh a minha língua sangue na minha boca)

a pobre menina

(a gritar: pequena meretriz oh eu sei como é contigo vejo o que tem de ser feito)

a pobre menina deitada metade dentro do armário e metade de fora, a ver estrelas negras a dançarem em frente de tudo, um zumbido suave e distante, a língua inchada e suspensão da boca, a garganta rodeada por uma pulseira de carne entumescida e arranhada no sítio em que a mamã a sufocara e depois a mamã a voltar, a vir ao seu encontro, a mamã com a longa faca de cozinha do papá Ralph

(corta tenho de cortar o mal a obscenidade os pecados da carne oh eu sei o que se passa com os olhos vou arrancar-te os olhos)

na mão direita, o rosto contorcido da mamã, a baba no queixo, com a Bíblia do papá Ralph na outra mão

(nunca mais olharás para essa nudez para essa iniquidade)

e algo cedeu, não cedeu, CEDEU, algo enorme, informe e titânico, uma torrente de energia que não era a dela nesse momento nem nunca voltaria a ser e depois algo caiu no telhado e a mamã gritou e deixou cair a Bíblia do papá Ralph e isso foi *bom*, e depois houve mais estrondos e a casa começou a espalhar o seu recheio e a mamã deixou cair a faca e ajoelhou-se e começou a rezar, com as mãos no ar e sem firmeza nos joelhos enquanto as cadeiras assobiavam no corredor e as camas lá em cima se viravam e a mesa da casa de jantar tentou atirar-se por uma janela e depois os olhos da mamã ficaram muito grandes e desvairados, salientes, e o dedo dela apontou para a menina

(és tu és tu bruxa maldita filha do diabo és *tu* que estás a fazer isto)

e depois as pedras e a mamã tinha desmaiado quando o telhado da casa delas abriu rachas e estrondeou como se Deus andasse em cima dele e depois...

Depois, ela própria tinha desmaiado. E depois disso não houve mais recordações. A mamã não falou do assunto. A faca de cozinha regressou à gaveta. A mamã tinha enormes nódoas negras e azuladas no pescoço e Carrie pensou que podia lembrar-se de perguntar à mamã como é que as tinha arranjado e a mamã a fazer boquinhas e sem dizer nada. A pouco e pouco caiu no esquecimento. O olho da memória abria-se apenas em sonhos. Os quadros já não dançavam nas paredes. As janelas não se fechavam sozinhas. Carrie não se lembrava de uma época em que as coisas tinham sido diferentes. Até agora.

Estava deitada na cama, a olhar para o teto, a suar.

— Carrie! Vem jantar!

— Obrigada,

(não tenho medo)

mamã.

Levantou-se da cama e prendeu o cabelo com uma fita azul-escura. Depois, desceu.

De *The Shadow Exploded* (p. 59):

Até que ponto o «dom fantástico» de Carrie era visível e o que pensava dele Margaret White, com a sua ética cristã extremista? Talvez nunca venhamos a saber. Mas sentimo-nos tentados a acreditar que a reação da senhora White deve ter sido extrema...

— Não tocaste na tua tarte, Carrie. — A mamã desviou o olhar do folheto que tinha estado a ler com atenção enquanto bebia o seu *Constant Comment*. — É caseira.

— Faz-me borbulhas, mamã.

— As tuas borbulhas são a maneira de o Senhor te castigar. Vá, come a tarte.

— Mamã?

— Sim?

Carrie abalançou-se:

— Fui convidada para ir ao Baile da Primavera na próxima sexta-feira pelo Tommy Ross...

O panfleto foi esquecido. A mamã fitou-a com um ar de quem não acreditava no que estava a ouvir. As suas narinas dilataram-se como as de um cavalo que tivesse ouvido o ruído seco de uma cobra a rastejar.

Carrie tentou engolir o nó que sentiu na garganta e só (não tenho medo oh sim tenho) conseguiu livrar-se de uma parte dele.

— ... e ele é um rapaz muito simpático. Prometeu passar por aqui e conhecê-la antes...

— Não.

— ... de me vir buscar por volta das onze. Eu...

— Não, não, *não!*

— ... aceitei, mamã, compreenda por favor que tenho de começar a... tentar e a tomar contacto com o mundo. Não sou como a mamã. Sou engraçada... quero dizer, os miúdos acham que eu sou engraçada. Não quero ser. Quero tentar ser uma pessoa completa antes que seja demasiado tarde para...

A senhora White atirou o chá à cara de Carrie.

Estava apenas morno, mas não podia ter cortado mais depressa a palavra a Carrie se estivesse a escaldar. Ela ficou apática, com o líquido cor de âmbar a escorrer-lhe do queixo e da face e a cair-lhe na blusa branca, a espalhar-se. Era pegajoso e cheirava a canela.

A senhora White ficou a tremer, com o rosto imóvel, exceto

as narinas, que continuavam a dilatar-se. De repente, atirou a cabeça para trás e gritou, virada para o teto:

— Deus! Deus! Deus!

Os seus maxilares estalavam brutalmente à medida que ela articulava cada sílaba.

Carrie continuou sentada, sem se mexer.

A senhora White levantou-se e contornou a mesa. As suas mãos crispadas pareciam garras e tremiam. No seu rosto, havia uma expressão meio desvairada de compaixão e ódio.

— O armário — disse ela. — Vai para o teu armário e reza.

— Não, mamã.

— Rapazes. Sim, os rapazes vêm a seguir. Depois do sangue, vêm os rapazes. Como cães a farejar, a arreganhar os dentes e a babar-se, tentando descobrir de onde vem o cheiro. *Esse... cheiro!*

Tomou balanço com o braço, e o som da palma da sua mão na face de Carrie

(oh meu deus tenho tanto medo agora)

assemelhou-se ao ruído seco de um cinto de couro a estalar no ar. Carrie permaneceu sentada, embora a parte superior do seu corpo tivesse vacilado. A marca na cara ficou primeiro branca e depois vermelha de sangue.

— A marca — disse a senhora White. Tinha os olhos muito abertos, mas sem vida; a sua respiração era rápida e espasmódica. Parecia falar sozinha quando a mão em forma de garra se abateu sobre o ombro de Carrie e a puxou da cadeira.

— Eu vi-a, sim. Oh sim. Mas. Eu. Nunca. Fiz. Mas para ele. Ele. Possuiu-me. A mim... — Ela calou-se, e o seu olhar vago passeava pelo teto. Carrie estava aterrada. A mamã parecia à beira de fazer uma grande revelação que poderia destruí-la.

— Mamã...

— Dentro dos carros. Oh, eu sei para onde eles te levam nos seus carros. Para os limites da cidade. Bares de estrada. Uísque. A cheirar... *oh eles cheiram isso em ti!* — A voz dela elevou-se num grito. Os tendões destacaram-se-lhe no pescoço e a cabeça inclinou-se e descreveu um movimento rotativo e ascendente, como se procurasse alguma coisa.

— Mamã, é melhor parar.

Estas palavras tiveram o condão de fazê-la regressar a uma espécie de realidade indistinta. A boca contorceu-se num esgar de admiração elementar e ela parou, como se procurasse apoios antigos num mundo novo.

— O armário — disse ela em surdina. — Vai para o teu armário e reza.

— Não!

A mamã levantou a mão para lhe bater.

— *Não!*

A mão imobilizou-se no ar. A mamã ficou a olhar para ela, como que para confirmar que ainda lá estava, e tudo o resto.

De repente, a tarte elevou-se do prato que estava em cima da mesa, voou para o outro lado da sala e estatelou-se ao lado da porta, desfazendo-se numa baba de mirtilos.

— *Eu vou, mamã!*

A chávena tombada da mamã ergueu-se no ar, passou-lhe por cima da cabeça e despedaçou-se em cima do fogão. A mamã gritou e ajoelhou-se, com as mãos sobre a cabeça.

— Filha do diabo — gemeu ela. — Filha do diabo, filha de Satanás...

— Mamã, levante-se.

— Luxúria e licenciosidades, os apetites da carne....

— *Levante-se!*

A voz da mamã falhou mas ela levantou-se, sem afastar as mãos da cabeça, como um prisioneiro de guerra. A sua boca

mexeu-se. Carrie teve a impressão de que ela rezava o Pai-Nosso.

— Não quero discutir consigo, mamã — disse Carrie, e a sua voz quase falhou e se dissolveu. Tentou controlá-la. — Só quero que me deixem viver a minha vida. Eu... eu não gosto da sua. — Calou-se, horrorizada e contrafeita. Pronunciara a maior das blasfêmias, que era mil vezes pior do que a palavra que começava por F.

— Bruxa — disse a mamã, em voz baixa. — Vem no Livro do Senhor: «Não deixarás que uma bruxa viva.» O teu pai fez a obra do Senhor...

— Não quero falar disso — disse Carrie. Ficava sempre perturbada quando ouvia a mamã a falar no pai. — Só quero que compreenda que a situação vai mudar por aqui, mamã. — Os olhos dela brilharam. — É melhor que *elas* também compreendam.

Mas a mamã falava sozinha em voz baixa, outra vez.

Insatisfeita, com um sentimento de anticlímax na garganta e o desânimo e a instabilidade emocional na barriga, Carrie foi à cave buscar o tecido para fazer o vestido.

Era preferível ao armário. Nem mais. Qualquer coisa era melhor do que o armário, com aquela luz azul e o cheiro excessivo do suor e da sua própria pele. Qualquer coisa. Tudo.

Ficou ali com o embrulho agarrado ao peito e fechou os olhos, eliminando a luz fraca da lâmpada nua e coberta de teias de aranha da cave. Tommy Ross não a amava; ela sabia. Aquilo era algum tipo estranho de expiação e ela conseguia compreender isso e reagir. Convivera com o conceito de penitência desde que tinha idade para raciocionar.

Ele tinha dito que iria correr bem... que ambos se encarregariam disso. Bem, seria *ela* a encarregar-se disso. Era melhor não começarem nada. Era melhor não. Ela não se sabia se o seu

dom tinha vindo do senhor da luz ou das trevas e, agora, ao descobrir finalmente que não lhe interessava saber qual deles era, sentia um alívio quase indescritível, como se lhe tivessem tirado dos ombros um grande peso que ela suportara durante muito tempo.

Lá em cima, a mamã continuou a falar em surdina. Não era o Pai-Nosso. Era a Oração do Exorcismo do Deuteronomio.

De My Name Is Susan Snell (p. 23):

Por fim, até fizeram um filme sobre o assunto. Vi-o em abril passado. Quando saí, senti-me nauseada. Quando acontece alguma coisa importante na América, têm de dourá-la, como fazem aos sapatos de bebé. Dessa maneira, conseguem esquecê-la. E esquecer Carrie White pode ser um erro maior do que se imagina...

Manhã de segunda-feira: o reitor e o seu substituto, Pete Morton, tomavam café no gabinete de Grayle.

— Ainda não há notícias do Hargensen? — perguntou Morty. Na sua expressão astuta à John Wayne havia uma certa dose de medo.

— Absolutamente nenhuma. E a Christine deixou de dizer baboseiras sobre o modo como o pai vai mandar-nos para a rua. — Grayle soprou o seu café, com um ar aborrecido.

— Não me parece que você esteja muito preocupado.

— Não estou. Sabia que a Carrie White vai ao baile?

Morty pestanejou.

— Com quem? Com o Bico?

O Bico era Freddy Holt, outros dos inadaptados de Ewen. Pesava talvez uns cinquenta quilos todo molhado, e um observador desatento poderia ser tentado a acreditar que o nariz era responsável por uns trinta.

— Não — respondeu Grayle. — Com o Tommy Ross.

Morty engasgou-se com o café e teve um ataque de tosse.

— Foi o mesmo que eu senti — disse Grayle.

— E a namorada dele? A pequena Snell?

— Acho que ela o obrigou a isso — respondeu Grayle.

— Devia sentir-se culpada pelo que aconteceu à Carrie quando falei com ela. Agora, está na Comissão de Decoração, feliz como tudo, como se o facto de não ir ao seu baile de finalistas não tivesse importância nenhuma.

— Oh! — exclamou Morty, com um ar douto.

— E quanto ao Hargensen... acho que deve ter falado com algumas pessoas e descoberto que podíamos processá-lo por causa da Carrie White, se quiséssemos. Acho que percebeu que ia perder. A filha é que me preocupa.

— Acha que vai haver algum incidente na sexta-feira à noite?

— Não sei. O que sei é que a Chris tem muitos amigos que vão lá estar. E ela anda com aquele traste do Billy Nolan; ele também têm muitos amigos esquisitos. Do tipo daqueles que fazem carreira a assustar senhoras grávidas. A Chris Hargensen não o larga, segundo ouvi dizer.

— Receia alguma coisa em especial?

Grayle fez um gesto de impaciência.

— Em especial? Não. Mas já ando nisto há tempo suficiente para saber que a situação é ruim. Lembra-se do jogo com o Stadler em 1976?

Morty fez um sinal afirmativo. Seriam precisos mais de três anos para apagar a recordação do jogo Ewen-Stadler. Bruce

Trevor era um aluno marginal mas um jogador de basquetebol fantástico. O treinador Gaines não gostava dele, mas Trevor levaria Ewen ao torneio pela primeira vez em dez anos. Foi afastado da equipa uma semana antes do último jogo decisivo entre Ewen e os Bobcats de Stadler. Durante uma inspeção regular e anunciada aos cacifos, descobriram um quilo de marijuana atrás dos livros de educação cívica de Trevor. Ewen perdeu o jogo, e a participação no torneio, por 104-48. Mas ninguém se lembrava disso; o que todos recordavam era a briga que interrompera o jogo no quarto tempo. Liderada por Bruce Trevor, que afirmou ter sido condenado injustamente, provocou quatro hospitalizações. Um dos feridos tinha sido o treinador do Stadler, que fora atingido na cabeça com um estojo de primeiros socorros.

— Tenho essa sensação — disse Grayle. — Um pressentimento. Que alguém vai aparecer com maçãs podres ou qualquer coisa desse género.

— Talvez você seja médium — rematou Morty.

De *The Shadow Exploded* (pp. 92-93):

Hoje em dia, é consensual que o fenómeno da telecinesia é uma ocorrência provocada pelos genes recessivos, mas o oposto de uma doença como a hemofilia, que só se manifesta nos homens. Nessa doença, que antigamente se chamava «Mal do Rei», o gene é recessivo na mulher e a sua transmissão é inofensiva. Todavia, os descendentes do sexo masculino são hemofílicos. Esta doença só se manifesta se um homem doente casar com uma mulher portadora do gene recessivo. Se os descendentes desta união forem do sexo masculino, serão hemofílicos. Se

forem do sexo feminino, serão portadores. Note-se que o gene da hemofilia *pode* ser um gene recessivo que faz parte do mapa genético de um homem. Mas se ele casar com uma mulher com o mesmo gene criminoso, o resultado será a hemofilia se o descendente for do sexo masculino.

No caso das famílias reais, onde era vulgar o casamento entre membros da mesma família, a hipótese de um gene se reproduzir assim que entrava na árvore genealógica era grande — daí o nome de Mal do Rei. A hemofilia também se manifestou em quantidades significativas em Appalachia durante a primeira parte deste século, e é vulgar naquelas culturas em que o incesto e o casamento entre primos em primeiro grau são habituais.

Com o fenómeno da telecinesia, o homem parece ser o portador; o gene da telecinesia *pode* ser recessivo na mulher, mas *só* é dominante na mulher. Parece que Ralph White era portador do gene. Margaret Brigham, por mero acaso, também era portadora do gene criminoso, mas podemos ter mais ou menos a certeza de que ele era recessivo, porque nunca foi encontrada informação que indicasse que ela tinha poderes telecinéticos semelhantes aos da filha. Atualmente, estão a ser conduzidas investigações sobre a vida de Sadie Cochran, avó de Margaret Brigham, porque, se o padrão dominante/recessivo interferir na telecinesia como interfere na hemofilia, é possível que a senhora Cochran tivesse um gene dominante da telecinesia.

Se o descendente dos White tivesse sido do sexo masculino, haveria mais um portador. E eram grandes as hipóteses de a mutação ter morrido com ele, porque nem Ralph White nem Margaret Brigham tinham primos de

idade semelhante com os quais o tal descendente do sexo masculino pudesse casar. E as hipóteses de ele conhecer e casar com outra mulher portadora do gene da telecinesia seriam reduzidas. Nenhuma das equipas que estão a trabalhar neste problema conseguiu ainda isolar o gene.

Mas ninguém duvida, à luz do holocausto do Maine, que isolar este gene pode vir a ser uma das primeiras prioridades da medicina. O gene da hemofilia, ou gene H, produz indivíduos do sexo masculino com carência de plaquetas sanguíneas. O gene da telecinesia, ou gene TK, produz mulheres portadoras da doença capazes de destruírem quase tudo o que lhes apetecer...

Tarde de quarta-feira.

Susan e mais catorze alunos — nada mais nada menos do que a Comissão de Decoração do Baile da Primavera — estavam a trabalhar no enorme mural que ficaria pendurado atrás dos dois estrados iguais destinados às bandas na noite de sexta-feira. O tema era a primavera em Veneza (quem escolhia estes temas baratos?, interrogou-se Susan. Andava em Ewen havia quatro anos, tinha participado em dois Bailes e continuava a não saber. Por que razão é que aquela maldita coisa *precisava* de um tema? Porque não se contentavam com o baile e pronto?); George Chizmar, o aluno de Ewen que possuía mais dotes artísticos, tinha feito um pequeno esboço a giz de umas gôndolas num canal ao pôr do Sol e de um gondoleiro com um grande chapéu de palha encostado à cana do leme, no meio de uma magnífica panóplia de tons rosados, avermelhados e alaranjados que representavam o céu e a água. *Estava* bonito, sem dúvida nenhuma. Chizmar redesenhara-o em silhueta numa grande superfície de lona com quatro metros por seis e numerara as várias

partes que seriam coloridas com diversos tons de giz. Agora, os membros da Comissão pintavam-na com toda a paciência, como crianças a gatinhar sobre uma enorme página de um gigantesco livro de colorir. Mesmo assim, pensou Susan, olhando para as mãos e para os braços, ambos cobertos de pó de giz, seria o baile mais bonito de sempre.

Ao lado dela, Helen Shyres pôs-se de cócoras, espreguiçou-se e gemeu quando as costas estalaram. Afastou uma madeira de cabelo da testa com as costas da mão e sujou a cara de cor-de-rosa.

— *Como* diabo é que me convenceste a entrar nisto?

— Queres que isto fique bonito, não queres? — Sue imitou a senhora Geer, a solteirona que presidia à Comissão de Decoração (um cargo adequado a Miss Bigodes).

— Pois, mas porque não a Comissão das Bebidas ou a Comissão do Entretenimento? Menos corpo, mais mente. A mente é o meu forte. Além disso, tu nem sequer... — Helen calou-se.

— Nem sequer vou? — Susan encolheu os ombros e pegou outra vez no giz. Teve uma câibra monstruosa. — Pois não, mas mesmo assim quero que isto fique bonito.

E acrescentou timidamente:

— O Tommy vai.

Continuaram a trabalhar em silêncio durante algum tempo e depois Helen parou outra vez. Não estava ninguém perto delas; a mais próxima era Holly Marshall, no outro extremo do mural, que pintava a quilha da gôndola.

— Posso fazer-te uma pergunta a esse respeito, Susan? — perguntou finalmente Helen. — Céus, toda a gente fala no assunto.

— Com certeza. — Sue interrompeu a pintura e dobrou a mão. — Talvez eu deva contar a alguém, só para que a história não seja adulterada. Pedi ao Tommy que levasse a Carrie.

Espero que isso contribua para que ela saia um pouco mais de si própria... derrube algumas barreiras. Acho que lhe devo isso.

— Com essa atitude, em que situação ficamos nós, as outras? — perguntou Helen, sem rancor.

Sue encolheu os ombros.

— Tens de decidir-te em relação ao que fizemos, Helen. Não estou em posição de atirar pedras. Mas não quero que pensem que eu estou, hum...

— A fazer-te de mártir?

— Mais ou menos isso.

— E o Tommy embarcou nisso?

Esta era a parte que mais fascinava Helen.

— Sim — respondeu Sue, sem dar mais explicações.

Pouco depois, acrescentou:

— Creio que os outros miúdos acham que eu sou uma convencida.

Helen ficou a pensar.

— Bem... todos eles falam nisso. Mas a maioria continua a pensar bem de ti. Como disseste, tu é que tomas as tuas próprias decisões. No entanto, há uma pequena facção que discorda. — Helen abafou o riso com um ar pesaroso.

— As companhias da Chris Hargensen?

— E as do Billy Nolan. Céus, ele é nojento.

— Ela não gosta muito de mim? — disse Sue, transformando a afirmação numa pergunta.

— Susie, ela odeia-te.

Susan baixou a cabeça, admirada por verificar que o pensamento a entristecia e ao mesmo tempo a entusiasmava.

— Ouvi dizer que o pai dela tencionava processar a escola e que depois mudou de ideias — disse ela.

Helen encolheu os ombros.

— Ela não conseguiu fazer amigos com isto — observou ela. — Não sei o que nos deu, a todas. Faz-me sentir que não conheço sequer a minha própria mente.

Continuaram a trabalhar em silêncio. Do outro lado da sala, Don Barrett preparava uma escada extensível para forrar as vigas de aço do teto com papel crepe dourado.

— Olha! Lá vai a Chris — disse Helen.

Susan levantou a cabeça mesmo a tempo de a ver dirigir-se para o pequeno gabinete que havia à esquerda da entrada do ginásio. Vestia umas calças provocantes de veludo cor de vinho e uma blusa de seda branca — sem sutiã, pelo modo como as coisas bambolevam à frente — o sonho de um velho porco, pensou Sue com amargura, e perguntou a si própria o que pretenderia Chris do sítio em que a Comissão do Baile se instalara. É claro que Tina Blake fazia parte da comissão e as duas eram unha com carne.

Cala-te, censurou-se Susan. Queres vê-la estendida no caixão?

Sim, admitiu. Em parte, era isso mesmo que ela queria.

— Helen?

— Hummmm?

— Andam a tramar alguma coisa?

O rosto de Helen transformou-se numa máscara relutante.

— Não sei.

A voz soou melíflua, demasiado inocente.

(tu sabes tu sabes alguma coisa: aceito qualquer coisa raios se fores tu a dizer-me)

Continuaram a pintar e nenhuma disse uma palavra. Sue sabia que a situação não estava tão bem como Helen afirmara. Não podia estar; ela nunca mais voltaria a ser a mesma menina querida aos olhos dos colegas. Fizera uma coisa incontrollável e perigosa: tirara a máscara e mostrara a face.

O sol do fim da tarde, quente como óleo e suave como a infância, entrou pelas janelas altas e reluzentes do ginásio.

De My Name Is Susan Snell (p. 40)

Em parte consigo compreender o que deve ter estado na origem do que se passou no baile. Apesar de ser horrível, consigo compreender que alguém como Billy Nolan tenha participado naquilo, por exemplo. Chris Hargensen dominava-o por completo, quase sempre, pelo menos. Os amigos dele também se deixavam levar facilmente pelo Billy. O Kenny Garson, que saiu do liceu aos dezoito anos, lia como um aluno do terceiro ano. Em termos clínicos, Steve Deighan era pouco mais do que um idiota. Alguns dos outros tinham cadastro; um deles, o Jackie Talbot, foi de cana pela primeira vez aos nove anos por roubar jantes. Quem tivesse mentalidade de assistente social, poderia até considerar que estes indivíduos eram vítimas.

Mas o que se pode dizer de Chris Hargensen?

Sempre me pareceu que o seu único objetivo era a destruição total e completa de Carrie White...

— Não me compete fazer isso — disse Tina Blake, pouco à vontade. Era uma rapariga miúda e bonita, com uma farta cabeleira ruiva, na qual ela enfiara um lápis, um pormenor importante. — E se a Norma voltar, dará com a língua nos dentes.

— Ela está no cagatório — disse Chris. — Vá lá.

Tina, um pouco escandalizada, riu-se, contrafeita. Mesmo assim, ofereceu pouca resistência.

— Porque queres ver, afinal? Não podes ir.

— Não interessa — respondeu Chris. Como sempre, parecia efervescente de mau humor.

— Toma — disse Tina, e empurrou uma folha envolvida em plástico mole que estava em cima da secretária. — Vou comprar uma *Coca-Cola*. Se aquela cabra da Norma Watson voltar e te apanhar, eu nunca te vi.

— Está bem — disse Chris em voz baixa, já absorta na planta do recinto. Nem ouviu a porta fechar-se.

George Chizmar também tinha feito a planta, portanto estava perfeita. A pista de dança estava claramente assinalada. Dois estrados iguais para as bandas. O palco onde o Rei e a Rainha seriam coroados

(eu gostava de coroar aquela maldita snell e a cabra da carrie também)

no fim. Dispostas ao longo dos três lados do recinto, estavam as mesas dos que participavam no baile. Mesas de jogo, por sinal, mas cobertas com uma folha de papel crepe e fita, e em cima de cada uma havia pequenos presentes, programas do baile e boletins de voto para a eleição do Rei e da Rainha.

Chris passou uma unha pintada e em forma de pá pelas mesas à direita da pista de dança e depois à esquerda. Lá estava: Tommy R. & Carrie W. Sempre iam avante com aquilo. Ela mal podia acreditar. A indignação fê-la tremer. Julgariam eles que os deixariam escapar impunes? A boca de Chris rete-sou-se, com um ar sinistro.

Espreitou por cima do ombro. Nem sinais de Norma Watson por enquanto.

Chris pousou a planta e deu uma vista de olhos ao resto dos papéis que estavam em cima da secretária cheia de riscos, marcas e iniciais. Faturas (sobretudo de papel crepe e de pregos pequenos), uma lista dos pais que tinham emprestado

mesas de jogo, vales de caixa, uma conta da Star Printers, que tinha impresso os bilhetes do baile, um boletim de voto para a eleição do Rei e da Rainha...

Um boletim de voto! Arrebanhou-o logo.

Ninguém deveria ver os boletins de voto antes de sexta-feira, quando todo o corpo discente ouvisse anunciar os candidatos através do comunicador da escola. O Rei e a Rainha seriam eleitos pelas pessoas que participassem no baile, mas havia quase um mês que circulavam boletins de voto em branco. Os resultados deveriam ser ultrassecretos.

Havia um movimento entre os alunos, cada vez com mais adeptos, que defendia a extinção da eleição do Rei e da Rainha — algumas raparigas afirmavam que era sexista e os rapazes consideravam-na completamente estúpida e um pouco embaraçosa. Era bem possível que este fosse o último ano em que o baile era tão formal ou tradicional.

Mas para Chris, só este ano é que importava. Fitou o boletim de voto com uma intensidade ávida.

George e Frieda. Nem pensar. Frieda Jason era judia.

Peter e Myra. De maneira nenhuma, também. Myra fazia parte da clique cujo objetivo era acabar com as corridas de cavalos. Não serviria, mesmo que fosse eleita. Além disso, era tão bem-parecida como o traseiro do velho cavalo de tiro Ethel.

Frank e Jessica. Era bastante possível. Frank Grier tinha integrado a equipa de futebol All New England nesse ano, mas Jessica era outra cara de cu com mais borbulhas do que miolos.

Don e Helen. Para esquecer. Helen Shyres não podia ser eleita de maneira nenhuma.

E o último par: *Tommy e Sue.* Só o nome de Sue, evidentemente, é que fora riscado e substituído pelo de Carrie. Era um par a afastar! Apoderou-se de Chris uma espécie de gargalhada estranha e arrastada, que ela reprimiu tapando a boca com a mão.

Tina voltou, apressada.

— Céus, Chris, ainda aqui estás? Ela *vem aí!*

— Tranquila, boneca — disse Chris, e voltou a pôr os papéis em cima da secretária. Ainda ia a sorrir quando saiu, parando para apontar com um ar de troça para Sue Snell, que dava cabo do traseiro escanzelado a pintar aquele estúpido mural.

No corredor exterior, procurou uma moeda de 10 cêntimos na carteira, enfiou-a na ranhura do telefone público e ligou a Billy Nolan.

De *The Shadow Exploded* (pp. 100-1):

Perguntamos a nós próprios até que ponto a destruição de Carrie White foi planeada... Tratou-se de um plano delineado com toda a cautela, ensaiado e revisto muitas vezes ou apenas algo que aconteceu de uma forma desordenada?

... Inclino-me mais para a segunda hipótese. Desconfio que Christine Hargensen foi o cérebro, mas que tinha apenas a mais nebulosa das ideias sobre o modo como seria possível «apanhar» uma rapariga como Carrie. Desconfio que foi ela a sugerir que William Nolan e os amigos fossem até à quinta do Irwin Henty na zona norte de Chamberlain. O pensamento do resultado imaginado dessa viagem teria apelado a uma sentimento perverso de justiça poética, tenho a certeza...

O carro guinchou ao subir Stack End Road, na zona norte de Chamberlain, a cem à hora, uma velocidade que era um perigo no piso duro e não pavimentado que mais parecia uma

tábua de lavar a roupa. Um ramo descaído, repleto de folhas de maio, roçava de vez em quando na capota do *Biscayne* de 61, que tinha o para-choques amolgado, estava comido pela ferrugem, empinado atrás e equipado com amortecedores duplos de fibra de vidro. Faltava-lhe um farol; o outro tremeluziu na escuridão da meia-noite quando o carro embateu numa saliência do terreno.

Billy Nolan ia ao volante forrado de felpa cor-de-rosa. Jackie Talbot, Henry Blake, Steve Deighan e os irmãos Garson, Kenny e Lou, também iam lá dentro, uns em cima dos outros. Três charros passavam de mão em mão na escuridão interior como os olhos rápidos de um qualquer Cérbero rotativo.

— Tens a certeza que o Henty não está em casa? — perguntou Henry. — Não tenho pressa de bater a bota, meu velho William. Eles são do piorio.

Kenny Garson, um autêntico destroço humano, achou muita graça a isto e soltou uma série de risinhos estridentes.

— Ele não está — respondeu Billy. Até estas escassas palavras pareciam sair-lhe de má-vontade, a contragosto. — Foi a um funeral.

Chris soubera disto por acaso. O velho Henty administrava uma das poucas quintas independentes e bem-sucedidas da zona de Chamberlain. Ao contrário do velho agricultor rabugento mas com um coração de ouro que é um dos pilares da literatura pastoril, o velho Henty era mau como as cobras. Não carregava a espingarda com sal-gema na época das maçãs verdes, mas com chumbos para caçar pássaros. Além disso, processara vários indivíduos por furtos insignificantes. Um deles tinha sido um amigo destes rapazes, um patife azarado chamado Freddy Overlock. Freddy fora apanhado em flagrante dentro da capoeira do velho Henty e contemplado com uma dose dupla de chumbos número 6 no sítio

em que o Senhor o rachara. O bom do Fred passara quatro malfadadas horas deitado de barriga para baixo numa sala das Urgências, enquanto um interno jovial lhe extraía chumbos minúsculos do traseiro e os atirava para um recipiente de aço. Para agravar a situação, fora multado em duzentos dólares por furto e invasão de propriedade privada. Entre Irwin Henty e a pequena quadrilha de Chamberlain não existia uma relação de amor.

— E o Red? — perguntou Steve.

— Esse anda a tentar comer uma empregada nova do Cavalier — respondeu Billy, fazendo rodar o volante e lançando o Biscayne numa corrida desenfreada até entrar em Henty Road. Red Trelawny era o velho capanga de Henty. Bebia como uma esponja e era quase tão ágil como o patrão a manejar a espingarda. — Só volta quando eles fecharem.

— É um risco tramado para uma partida — resmungou Jackie Talbot.

Billy encrespou-se.

— Queres dar o fora?

— Não, ora, ora — apressou-se a responde Jackie. Billy tinha arranjado uma onça de erva da boa para dividir pelos cinco, e além disso, a cidade ficava a quinze quilómetros. — É uma *boa* partida, Billy.

Kenny abriu o porta-luvas, tirou uma boquilha toda enfeitada (da Chris) e enfiou lá dentro a ponta incandescente do charro. Considerou esta operação muito divertida e soltou mais uma risadinha estridente.

Nesse momento passavam a grande velocidade por tabuletas onde se lia Proibida a Entrada dos dois lados da estrada, arame farpado e campos recentemente arroteados. O odor da terra remexida, intenso e adocicado, destacava-se na atmosfera cálida de maio.

Billy desligou os faróis quando chegaram ao cimo da colina seguinte, pôs o carro em ponto morto e desligou a ignição. O vulto metálico começou a deslizar em silêncio em direção à entrada da propriedade.

Billy descreveu a curva sem dificuldade, e a velocidade era já muito reduzida quando transpuseram mais uma pequena elevação de terreno e passaram pela casa vazia e às escuras. Avis-tavam agora o enorme vulto do estábulo e o resto, graças ao luar que envolvia num brilho feérico o bebedouro das vacas e o pomar de macieiras.

Na pocilga, duas porcas enfiaram o focinho achatado entre as grades. No estábulo, uma vaca mugiu baixinho, talvez no meio do sono.

Billy parou o carro com o travão de mão — o que não era necessário visto que a ignição estava desligada, mas foi uma boa manobra para uma unidade de assalto — e saíram todos.

Lou Garson passou por Kenny e tirou qualquer coisa do porta-luvas. Billy e Henry aproximaram-se da bagageira e abriram-na.

— O sacana vai ficar danado quando voltar e vir o que aconteceu — disse Steve, com uma alegria moderada.

— Isto é pelo Freddy — disse Henry, tirando o martelo da bagageira.

Billy não disse nada, mas aquilo não era, evidentemente, pelo Freddy Overlock, que era um idiota. Era por Chris Hargensen, como tudo era pela Chris, e sempre tinha sido desde que ela descera do alto do seu Olimpo — o futuro curso universitário — e se tornara vulnerável a ele. Billy seria capaz de matar por ela, e não só.

Henry exercitava-se com o martelo de quatro quilos e meio, agitando-o na mão. A extremidade metálica da ferramenta as-sobiou portentosamente na atmosfera noturna, e os outros

rapazes juntaram-se à volta de Billy quando ele abriu a geleira e retirou os dois baldes de aço galvanizado. Estavam cobertos por uma fina camada de gelo e quase não se lhes podia tocar.

— Pronto — disse ele.

Os seis rapazes dirigiram-se à pressa para a pocilga, com a respiração acelerada pelo nervosismo. As duas porcas eram mansas como gatos domésticos e o velho macho dormia, deitado de lado, no outro extremo. Henry agitou de novo o martelo no ar, mas desta vez sem convicção. Entregou-o a Billy.

— Não sou capaz — disse ele, enjoado. — Faz tu.

Billy pegou no martelo e lançou um olhar interrogador a Lou, que empunhava o facalhão retirado do porta-luvas.

— Não te preocupes — disse ele, e tocou no fio da lâmina com a parte carnuda do polegar.

— Na garganta — lembrou Billy.

— Eu sei.

Kenny cantarolava e sorria quando deu a comer às porcas um resto de batatas fritas que tirara de um saco amachucado.

— Não tenham medo, porquinhas, não tenham medo, que aqui o Billy vai esmagar-vos a cabecinha e vocês não terão de se preocupar mais com a bomba.

Coçou-lhes as cerdas do queixo e as porcas grunhiram e mastigaram, satisfeitas.

— Aí vai — observou Billy, e o martelo abateu-se sobre uma delas.

O som fez-lhe lembrar aquela vez em que ele e Henry tinham deixado cair uma abóbora da passagem superior de Claridge Road que atravessava a 495, a oeste da cidade. Uma das porcas morreu logo, com a língua de fora, os olhos ainda abertos e batatas fritas esfareladas à volta do focinho.

Kenny riu-se.

— Ela nem sequer teve tempo de arrotar.

— Despacha-te, Lou — disse Billy.

O irmão de Kenny deslizou no meio das ripas, virou a cabeça da porca para a lua — os olhos vidrados do animal fitavam o crescente com um ar completamente extasiado — e cortou-a.

O sangue jorrou logo e apanhou-os de surpresa. Vários rapazes ficaram salpicados e deram um salto para trás, soltando gritinhos de repugnância.

Billy inclinou-se no meio deles e colocou um dos baldes debaixo do fluxo principal. O balde encheu-se rapidamente e Billy pô-lo de lado. O segundo ficou meio cheio.

— A outra — disse ele.

— Céus, Billy — gemeu Jackie. — Isto não che...

— A outra — repetiu Billy.

— Anda cááá, porquinha-porquinha-porquinha — chamou Kenny, sorrindo e fazendo chocalhar o saco de batatas fritas vazio. Pouco depois, a porca aproximou-se da grade. O martelo caiu sobre ela à velocidade de um relâmpago. O segundo balde encheu-se e o resto do sangue escorreu para o chão. Havia um cheiro a ranço e a cobre no ar. Billy verificou que estava enso-pado em sangue de porco até aos pulsos.

Quando levava os baldes para a bagageira, a sua mente fez uma ténue associação simbólica. Sangue de porco. Isso era bom. Chris tinha razão. Era realmente bom. Fazia solidificar tudo.

Sangue de porca para uma porca.

Acomodou os baldes de aço galvanizado no meio do gelo picado, tapou-os e fechou a tampa da geleira.

— Vamos embora — disse ele.

Billy sentou-se ao volante e soltou o travão de mão. Os cinco rapazes encostaram o ombro à traseira do carro, que descreveu um círculo fechado e silencioso e passou pelo celeiro até chegar ao cimo da colina em frente da casa de Henty.

Quando o carro começou a rodar sozinho, desataram a correr ao lado das portas e entraram, a soprar e a arquejar.

O carro ganhou velocidade suficiente para se virar ligeiramente quando Billy o fez sair do longo caminho de acesso à casa e entrar em Henty Road. Ao chegar ao sopé da colina, Billy engatou a terceira e levantou o pé do pedal da embraiagem. O carro deu um solavanco e o motor começou a trabalhar.

Sangue de porca para uma porca. Sim, isso era bom, sem dúvida. Era mesmo bom. Billy sorriu, e Lou Garson sentiu um misto de admiração e de medo. Não se lembrava bem de alguma vez ter visto Billy Nolan a sorrir. Nem sequer ouvira falar nisso.

— O velho Henty foi ao funeral de quem? — perguntou Steve.

— Da mãe — respondeu Billy.

— Da *mãe*? — perguntou Jackie Talbot, estupefacto. — Céus, ela devia ser mais velha do que Deus.

O cacarejar estridente de Kenny perdeu-se na escuridão odorosa que estremecia no limiar do verão.